

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Marques de Carvalho
Contos Paraenses



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Marques de Carvalho

Contos Paraenses

Publicado originalmente em 1889.

**João Marques de Carvalho
(1866 – 1910)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 191



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro João Marques de Carvalho: “*Contos Paraenses*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Marques de Carvalho nasceu em Belém, capital do Estado do Pará, no dia 6 de novembro de 1866. Faleceu na França, em Nice, em 11 de abril de 1910. Foi escritor, diplomata e jornalista.

Em 1879, embarcou para Lisboa com o intuito de dar continuidade aos estudos de humanidades. Dois anos depois se transferiu para a França. Voltando ao Pará, em 1884, quando iniciou a carreira de jornalista como colaborador do *Diário de Belém*. Rompe no ano seguinte com esse periódico pela recusa em publicarem o conto "Que bom marido!", considerado na época como "imoral", sendo este publicado, no dia seguinte, em *A Província do Pará*. Mais tarde o conto foi incluso em seus *Contos Paraenses*, de 1889.

João Marques de Carvalho foi o fundador, em 1900, da Academia Paraense de Letras, a qual só iria se estabelecer de fato em 1913.

Em seu legado literário incluem-se, entre outras, as seguintes obras: "Georgina" (1884), "O sonho do monarca" (1886), "Lavas" (1886), "Paulino de Brito" (1887), "O livro de Judith" (1889), "Contos Paraenses" (1889), "Entre as Nymphéas" (1896) e "A Bubônica" (1904). Destaca-se "Hortência", publicado no ano de 1888, enquadrada nos moldes da escola naturalista e que aborda a relação incestuosa entre a personagem Hortência e o seu irmão Lourenço.

ÍNDICE

NO BAILE DO COMENDADOR.....	1
AO SOPRAR Á VELA.....	5
A LIÇÃO DE "PALEÓGRAFO".....	11
HISTORIA INCONGRUENTE.....	15
O PREÇO DAS PAZES.....	20
REMEMBER.....	27
AO SOL.....	29
O PÁROCO DA ALDEIA.....	30
PARÁFRASE OCEÂNICA.....	31
BIDINHA.....	32
AO DESPERTAR.....	34
RIO ABAIXO.....	40
NOITE DE FINADOS.....	44
QUE BOM MARIDO!	47
A "SERENATA" DE SCHUBERT.....	52
DESILUSÃO.....	57
A CONVALESCENTE.....	61
ALEGRIA GAULESA.....	62

NO BAILE DO COMENDADOR

POEMETOS EM PROSA

Ao sr. Ulderico Souza

Desculpe, mas descreio, doutor, da sinceridade das suas palavras!

E a bela Arcelina tapou os rubros lábios, entreabertos em zombeteiro sorriso, com as rendas finíssimas do seu leque amarelo-canário, de varetas de madreperla.

— E porque, não me dirá? insistiu o doutor Machado, debruçado sobre a cadeira da interlocutora, a setear-lhe os seios semi-vísíveis com um ardente olhar vibrado através o cristal do monóculo petulante.

—Porque—? respondeu ela, com uma curta gargalhada de chasco, a fitá-lo bem na menina dos olhos, falando-lhe por cima do ombro esquerdo, polvilhado de recendente velutina; porque... a vida é uma boa mestra, doutor, e eu tenho recebido dela bem duros, bem cruéis exemplos!

—Apesar de ser tão nova assim?

—A vida não escolhe discípulos entre aqueles que apresentam a cabeça encanecida. Bem ao contrario, parece que aos moços dá, por vezes, preferência, como compensando-os de não terem o discernimento preciso para bem conhecer e evitar os revezes da sorte.

—Mas—é maravilhoso tudo quanto estão a dizer-me os seus divinos lábios com a música angelical da sua voz, minha adorável senhora! Se já não sentisse por sua pessoa— e pelo seu espírito — este indomável afeto de que falei-lhe há pouco, penso que deveria experimentá-lo agora— e bem profundamente!— depois de ouvir-lhe tão razoáveis e inesperados conceitos.

—Deveras?

—Por certo.

—Oh! é muito amável...

—Digo a verdade.

— e, todavia, continuo a descrer...

—Faz muito mal!

—Porquê?

—Ah! já faz perguntas?—Porque quem confessa descrença em semelhante assunto, deseja crer, ou, pelo menos, não quer descrer...

—O que redundava no mesmo. Errou, porém, estabelecendo até mim a regra geral, doutor. Dificilmente se engana a mulheres como eu, convença-se. O mundo tem sido para mim uma grande escola, sr. dr. Machado. Lições bem ríspidas tenho recebido nele, para agora, sem discrepância das suas opiniões, fazer que o sr. acredite nas suas próprias ilusões fantasiosas. Pois que! Persuade-se acaso de que jamais poderei tomar ao sério as banalidades da confissão que me cantou há instantes o seu lirismo? Estará o sr., efetivamente, tão enamorado de si mesmo, que se julgue irresistível, fatal? Vaidade sem razão, doutor!

—Como é cruel, minha senhora!

—Não sou cruel, não, cavalheiro: sou justa apenas. E porque simpatizei inexplicavelmente com o sr., é que desejo trabalhar para extorquir-lhe do espírito esse orgulho desarrazoado que lhe embota o sentimento.—Permite-me a liberdade duma franqueza?

—Ora essa! Porque não?...

—Muito bem: pretendo matar-lhe n'alma o seu ilimitado... pedantismo.

—Como diz?

—Ouça bem: o—seu—ilimitado—pedantismo.

— e... mas...

—Olhe, sente-se aqui, a meu lado—Assim. Conversaremos com tranquilidade, enquanto essa quadrilha d'Offenback absorve todas as atenções da sala. Escute-me.

Eu era menina, dez anos apenas, uma simples criança insignificante. Seriam nove horas da noite. A chuva caía sem parar desde que anoitecera; uma triste chuva hibernal, que dava arrepios intercadentes, sob a luz oscilante do gás. Estávamos ao serão, reunidos na varanda, umas dez pessoas: eu, minhas duas irmãs, algumas escravas, e uma preta velha, muito velha e alquebrada, que o

trafego da escravatura arrancara aos sertões africanos para transplantar no Brasil.

Costuravam umas, outras faziam rendas. Eu e minhas duas irmãs brincávamos a vassourinha, formando círculosobre a mesa, em torno da qual trabalhavam as escravas.

De repente, um silêncio operou-se na varanda inteira e nós interrompemos o brinquedo, ao tempo que as raparigas erguiam as cabeças, detinham no ar a mão que empunhava a agulha, ou descansavam cautelosas os bilros sobre as almofadas onde pregavam-se as rendas incipientes.

A velha Eufrásia anunciara que ia contar uma história da cabanagem, o que era o suficiente para lhe hipotecarmos a mais absoluta tranquilidade. Porque, fique desde já sabendo, a Eufrásia era autoridade na matéria! A sua narração tinha alguma coisa de lúgubre, de compungente, de parceria com certo tom verídico e muito expressivo na concatenação dos fatos e na flagrância da nota, ou épica ou bucólica, de que pretendia ocupar a atenção dos ouvintes.

Todos aconchegaram-se mais, fitando os olhos da velha, iluminados duma fulguração estranha, que parecia o reflexo derradeiro dos belicosos tempos de que ela ia tratar.

Estabelecido o mais completo silêncio, tanto quanto era possível obter-se com o ruído da chuva a desabar nas telhas,—a boa preta começou a referir a pequena história que passarei a expor á sua atenta bondade, sucintamente, para o não enfastiar com imprudentes delongas.

Da outra banda do rio, á margem esquerda deste mesmo Guajará que rola suas turbidas águas aos pés de Belém, uma roça havia, naquele tempo,— em 1835,— que era o abrigo duma simples família de modestos caboclos agricultores: pai, mãe e um filho, rapaz esbelto, no pleno vigor duns 20 anos sadios e bem desenvolvidos.

Viviam todos na mais lata felicidade que poderiam almejar em sua simplicidade medíocre de lavradores remediados. A farinha da sua roça era a mais afamada na praça de Belém e a seriedade com que tratavam negócios tinha-lhes aberto largo crédito em casa do seu correspondente na cidade.

O rapaz, Aniceto, andava de casamento justo com a Tomázia, uma rapariga da margem oposta do rio, moradora num sitio quase fronteiro á roça. Pelo São João deveriam vir á capital da província, efetivar perante um padre a mais

persistente aspiração que em peitos amazônicos jamais palpitou e que dava-lhes, na sua só lembrança, uma como ebriedade olímpica de soberanas venturas transcendentais.

Uma vez por semana, aos sábados, a pequena montaria do jovem caboclo rasgava, cheia de vigor, o claro seio do rio e transportava-o rejubilado á pequenina casa da venturosa amante sitibunda de mirar-lhe as suaves transparências do olhar e ouvir-lhe a incomparável meiguice das longas falas singelas e apaixonadas.

Horas inteiras, de intensíssimo contentamento, eram as que passava ao lado da rapariga, a tecer com ela o gracioso dibuxo da sua risonha existência por vir, quando, a sós no copiar, de mãos entrelaçadas e o olhar perdido ao longe, nas aquosas sinuosidades esbatidas nas sombras do fundo, compraziam-se em acastelar ilusões, numas inflorescências de amplas fantasias admiráveis.

Semelhante existência, parecia abençoá-la o céu, na sua clemente bondade rejubilada pelo edificante espetáculo de tão acrisolada paixão.

Mas houve um dia em que a sorte,—sempre inclemente e cínica, doutor!—pareceu querer zombar da voz geral, corrente a respeito daquela invejável bonança de duas vidas felicíssimas.

A cabanagem assolava esta parte da província. As aguerridas guerrilhas dos revoltosos percorriam sanguisedentas povoados e roças, buscando e fazendo vítimas por toda a parte, com o desabrimento impudico da mais ousada barbaridade.

Em tais condições, a casa dos pais de Tomázia não poderia escapar á visita dos desalmados. Esta foi sujeitada á mais torpe violência que se pode intentar contra uma donzela, e os pais da rapariga, por haverem querido dissuadi-los da infâmia,—após assistirem á perpetração selvática do atentado sem nome, sofreram inermes a pena ultima, dependurados, um defronte do outro, em dois galhos de sombrosa sumaumeira!

Escaparam ao rápido furor dos revoltosos Aniceto e seus pais, que embrenharam-se precavidos nos profundos recessos da floresta. De sua casa haviam presenciado o que passava-se na roça fronteira e nem um só momento o rapaz, aquele mesmo namorado férvido da véspera, sentiu um assomo de correr a vingar o ultraje a que tinham-lhe submetido a noiva! Admire que sinceridade a daquela paixão, doutor, dias antes apresentada em labiosas florituras de fantásticos arremessos idílicos! Que grande coração, o daquele homem!

Fugiu, poltronamente, cheio de medo, sem um remorso que, exprobrando-lhe a indignidade, propelisse-o a ir morrer no sitio onde haviam insultado a sua noiva,—sem ir arrebentar os miolos de um dos abjetos infames, ainda mesmo quando tivesse a certeza de ser feito pedacinhos pela tropa dos sicários!

Anos depois, quando estabelecera-se a pacificação na província, a Eufrásia encontrou-o em casa, muito satisfeito e cínico, a viver na companhia de torpe mulata animalizada por uma vida de largas materializações soezes e gordurosas.

Ainda podia rir, ainda tinha canções para zangarrear ao som do cavaquinho!

Lá defronte, porém, a roça, tão florescente dantes, convertera-se em matagal e a infeliz Tomázia,—apatetada e envelhecida, coberta de andrajos e chorosa,—tinha simplesmente, como testemunha da sua desgraça, uma criança inconsciente, um filho que dentro dela semeara a hedionda selvageria dos revoltosos.

Calou-se a bela Arcelina, ofegante e ruborizada. Vibrando toda de emoção, teve um momento de silêncio empregado em fitar longamente o rosto do dr. Machado. Depois, abrindo o leque amarelo-canário, agitando-o vagaroso, com uma certa majestade de soberana vencedora, perguntou sorrindo irônica:

— e crê, depois disto, que eu acredite na existência dum só homem sincero e verdadeiramente amante, capaz de efetuar todas essas palavrosas mentiras que o sr. cantarolou por aí?

AO SOPRAR Á VELA

POEMETOS EM PROSA

Ao Sr. José Feijó de Albuquerque

I

Às 8 horas da noite, quando chegou o marido, veio a Cândida, a saltar alegremente, recebê-lo á porta da varanda, arrastando a longa cauda rendada do penteador de cambraia branca.

Quanto se demorara ele! ... Porque não voltou mais cedo? A sua Candinha já sentia tantas saudades!... Ele não imaginava o que era estar uma pobre mulher metida em casa, durante uma tarde inteira, sem ter a seu lado o esposo querido, o seu idolatrado amigo!...

E afagava-o amorosamente, fazia-lhe cafunés pelo alto da cabeça, causando-lhe uns arrepios sensuais pelas costas, eriçando-lhe os cabelos dos braços e pernas.

Que não pudera vir mais depressa,—objetava o marido, sentando-se numa poltrona e cofiando o negro bigode sedoso, com um olhar de concupiscência para a mulher.—Bem esforços fizera, mas inutilmente. Encontrara-os a jantar, ainda no começo; teve de esperar no jardim por espaço de meia hora, brincando com as crianças, para entreter-se. Os pequenos são altamente endiabrados: sujaram-lhe as calças brancas com as mãos gordurosas... Depois, tinha ido para a sala, falar ao dr. Martins e á mulher.

— e aceitaram?—interrogou a Cândida, saltando para as pernas do marido, a rir muito, com os lábios abertos lindamente, frisando-se graciosos e mostrando os pequeninos dentes alvos como o jasmim.

—Qual! Responderam-me que não cediam a escrava por dinheiro algum, máxime sabendo que nós a desejávamos para a libertar. Aquela gente está cada vez mais negreira! Enfim, escolhe-se outra qualquer, contanto que seja o dia de teus anos digna e liberalmente solenizado por mim. Continuemos, porém. Estava eu disposto a sair, bem arrufado com o dr. Martins, quando chegou o Quirino, o velho Quirino, aquele sujeito vermelhudo, cuja cabeça está mais limpa de cabelos que os teus joelhos...

—Deixa-te de tolices...

—Agarraram-me para um solo manhoso, que durou até agora, e isso mesmo porque levantei-me e saí á viva força!... Agora,—concluiu sorrindo,—aqui tem você o seu Roberto, cheio de amor e paixão, disposto a matar as saudades da

sua mulherzinha com um longo beijo ruidoso, a querer-lhe muito, a fazer-lhe as vontades todas!..

Sempre sentada sobre as pernas dele, Cândida semi-cerrou os olhos numa vertigem lúbrica, e estendeu para a boca de Roberto os seus lábios frescos e perfumados desse olor esquisito e bom, peculiar às mulheres que se tratam.

Mas ergueram-se de súbito, num enleio: aparecera á porta que dava para o corredor o moleque Euzébio, com o bule de chá...

II

Depois do chá, Roberto acendeu um charuto, foi buscar um livro e, acomodando-se numa grande voltaire, pôs-se a ler. Ficou a Cândida defronte dele, a mirá-lo.

Vinha do jardim uma brisa cheia de perfumes, sacudindo as luzes dos dois bicos de gás encerrados em globos de cristal finamente lavrado. Com os cotovelos sobre a mesa, o rosto de mento saliente e narinas aflantes descansando nas palmas das mãos, Cândida continuava a olhar para o marido com uma expressão estranha, suave, repassada de ternuras dulcíssimas.

Parecia lançada á contemplação da própria felicidade. Era justamente aquilo que, anos antes, fantasiara a sua sonhadora imaginação de burguesinha estragada pelos mimos de seus pais extremosos e pacóvios: viver honesta ao pé de um marido bonito e de bom coração; estar sempre junto dele, para o consolar em todos os desgostos, rir com ele nas horas de alegria, ser-lhe sempre de uma fidelidade irrepreensível e, sobretudo, contemplá-lo a todo instante, silenciosa, longamente, envolvê-lo nas sentimentais suavidades do seu enlanguescido olhar de crioula amorável! Nunca sentira-se tão feliz como depois de seu casamento com o Roberto, havia quase dez meses. Nem uma só contrariedade tivera após aquela noite comvente, em que recebeu o primeiro beijo do noivo no silêncio de uma discreta alcova toda cheia de flores, rendas, fitas e perfumes! E com que alegria, com que assomos de risonha infantilidade não ficou, na manhã imediata, quando leu no Diário de Noticias as linhas seguintes, que decorou á força de as repetir baixinho?—"Uniram-se ontem á noite em matrimonio, na igreja de Nazareth, o Sr. Roberto da Silva Pereira, honrado comerciante da nossa praça, e a Exma. Sra. D. Cândida Anunciada Seixas, filha do nosso amigo sr. Pandolfo Seixas, proprietário abastadíssimo. Foram padrinhos os srs. Silvino Cunha e Antero de Mendonça e suas exmas. consortes. Aos jovens cônjuges desejamos o mais ridente porvir enaltecido das felicidades a que têm jus por seus dotes distintíssimos." Ficou a nadar em jubilo, toda desvanecida por ver o nome nos jornais, comovidíssima pela lembrança de que, aquela hora, a cidade inteira estava sabedora da realização de seus íntimos

desejos de moça apaixonada!... Daí em diante começaram a viver como dois anjinhos, como ela queria. Roberto era sempre de uma delicadeza afetuosa e séria para com a sua Candinha, que também, valha a verdade, contribuía, segundo seu poder, para tornar-lhe suave e alegre a vida. Ela achava impossível que duas pessoas que se amaram quando noivas brigassem depois de casadas por dá cá aquela palha... Entretanto, assim acontecia às vezes. Aí estava, mesmo no Pará, a d. Clotilde que, no dizer das más línguas, era uma jararaca para o marido. O Pedro de Andrade, esposo da d. Estefânia, era outro: passava a vida pelas casas de jogo, embriagava-se e, ao chegar ao domicílio, esbordoava a mulher que era mesmo uma dor de coração! Mas com ela assim não sucedia, graças a Deus! O Roberto era pontual como um cobrador á hora de recolher ao lar: ás 5 da tarde mandava fechar o armazém, tomava o bonde e vinha logo para junto dela, de onde não se arredava senão ao outro dia pela manhã, afim de ir novamente para o trabalho. Havia de continuar sempre assim tal norma de vida: ela conhecia de mais o gênio do marido para recear qualquer mudança futura. Agora, principalmente, ia o Roberto ficar preso pelos beiços, com a importante noticia que ela tinha para lhe dar. Era verdade! fazia-se necessário contar-lhe tudo... Porém como? A vergonha apertava-lhe a garganta assim que ela abria a boca para falar... Mas hoje diria, estava resolvida! Quando? agora?—Agora não; deixá-lo com a leitura, que está tão entretido... Mais logo, quando se fossem deitar. Oh! como ficaria satisfeito o Roberto! Que prazer para ele!... para ele, que era tão lindo, tão bom, tão amado!...

Tudo isto pensava ela, continuando a fitar o esposo num enlevo apaixonado.

III

De tempos a tempos, desviando a vista do livro para sacudir a cinza do charuto, Roberto fitava a mulher, sorrindo bondosamente. Surpreendida, a Cândida pendia para o peito a formosa cabeça, disfarçava fingindo ler num livro que estava sobre a mesa. Em seguida, quando calculava que o marido continuava na leitura, tornava a pregar no rosto dele o seu ardente olhar, como se desejasse cobri-lo com toda a veemência da paixão.

Ouvindo soarem no sino de Sant'Ana as 10 horas, Roberto fechou o livro.

—Vamos dormir?—prepôs.

Cândida estremeceu e levantou-se.

O moleque veio fechar as portas e janelas e apagar o gás.

No entanto, haviam os dois penetrado na pequena alcova. Em cima do velador, uma vela cor de rosa ardia num castiçalzinho de porcelana de Sévres com

pinturas alegóricas de Amores alados e Quimeras volitantes. No centro, uma causeuse de cetim azul estava cheia de laços, corpinhos de renda, brochuras esparralhadas, num abandono adoravelmente dessimétrico. Vidros de perfumarias com rolhas de cristal reluziam em cima do toucador de jacarandá, lançavam cintilações cambiantes ao espelho inteiriço do grande guarda-roupa que havia no meio de uma das paredes laterais.

Ao fundo erguia-se a cama,—pudicamente oculta entre as rugas de um cortinado de labirinto finíssimo, suspenso do teto por uma passadeira doirada.

Levantava-se daquela cama um quê de evaporação de felicidade inenarrável, que penetrava no espírito dos dois esposos pelos sentidos do olfato e da vista. Parecia-lhes acharem-se diante do tabernáculo de seu amor, do altar de sua existência feliz e encantadora. Para Cândida, sobretudo, ela tinha uma importância transcendental: evocava-lhe uma recordação agridoce, que fazia-a sorrir bondosamente depois de nove meses de agradabilíssima co-habitação conjugal...

Quando iam deitar-se, Cândida enlaçou a cabeça do marido com os braços descobertos,—mal vestida, apenas velada por uma curta camisinha de cambraia enfeitada de rendas do Ceará.

Roberto beijou-lhe as carnes, aspirando-lhes os mornos eflúvios,— essas queridas exalações de mulher amada,— num enlanguescimento concupiscente.

—Olha, murmurou ela conservando-se na mesma posição, beijando-o na testa.—Quero dar-te uma noticia muito boa...

—Qual é?—perguntou Roberto estreitando-a nos braços.

—Tenho tanta vergonha!...

Esta exclamação pronunciou-a Cândida desprendendo-se do amplexo do marido e dando um pulo para o leito.

—Anda, fala, menina, que tolice é essa?

— então apaga a luz, primeiro; pode ser que ás escuras eu me sinta mais animosa! ...

Roberto soprou a luz da vela e disse deitando-se:

—Agora...

Cândida ficou por um momento silenciosa, afagando a fronte do marido com as pontas dos frios dedos trêmulos. Depois, a súbitas:

—É que,—murmurou com umas brejeiras risadinhas reprimidas,—é que eu... estou grávida!

Um beijo sonoro, prolongado, ardente como o fogo dos grandes amores,—o beijo com que o esposo tenta revelar a indizível alegria de ver convertido em realidade o seu mais persistente anelo,—respondeu aquela confissão prazenteira, na propícia escuridade da alcova matrimonial...

A LIÇÃO DE "PALEÓGRAFO"

POEMETOS EM PROSA

A Heliodoro de Brito

I

A escrava Josefa teve, naquele dia, um grande sentimento. Sua alma confrangeu-se toda, ante-sofrendo as tredas amarguras do largo e profundo golpe que breve teria de receber-lhe o amantíssimo coração de mãe.—O comendador Pereira de Castro, que dali a dias seguiria para a Europa, de concomitância com toda a família, anunciara-lhe a sua resolução de levar consigo a pequena Isaura, a sua querida filha, a mulatinha amimada, cria de casa, prenda favorita de todas as pessoas daquela abastada família atualmente em vésperas de viagem.

E ela, a mãe extremosa, que só vivia do tenro afeto suavíssimo da filha, na tenebrosa passividade do seu cativo, — não obstante a bondade com que era tratada por todos, — teria de ficar no Pará, separada do pequenino ente que deslaçava-lhe o espírito em fulgidas quimeras de loiras fantasias, em meio ao triste vegetar da sua existência!

Uma dor profunda empolgou-lhe tiranamente a alma e seus olhos, outrora privados de lágrimas sob o látego inclemente do seu primeiro senhor, antes de ser vendida ao velho Pereira de Castro, verteram largo pranto silencioso por toda a noite passada em claro após a declaração ouvida pela manhã.

Só a lembrança de tão rude separação fazia-a sofrer tanto; o que não seria a crua realidade?

Mas o comendador, ao vê-la concentrada e soluçando a furto, no dia seguinte, — com os olhos, mudamente cheios de querulas expressões, fitos na rapariguinha, — acercou-se-lhe paternal e, com a voz molhada de benevolências, consolou-a a meio.

— Que se não afligisse, ponderou. A pequena voltaria com ele e com a família, dali a anos. E com quanta vantagem para ela! Prometia trazer-lha instruída, educada, elegante e feliz, — uma verdadeira senhora. Até ela, Josefa, se arrependeria então da sua tolice atual, porque reconheceria os benefícios que tinham querido fazer-lhe á filha. Pois não era certo que todos ali tratavam-n'as tão bem, á mãe e á filha e que esta era tida menos como uma ingênua do que como se, realmente, fosse originaria do casamento dele comendador com sua esposa? Confiasse a Josefa em seus senhores e o futuro mostrar-lhe-ia com exuberância a justeza do seu proceder.

Estas palavras acalmaram um tanto a febricitante agonia da escrava. Eliminá-la, porém, d'alma, era impossível, que não pode um coração de mãe deixar que a sorte, em qualquer de suas inumeráveis manifestações, lhe roube o ente dileto por excelência, sem estalar todo nos loucos frêmitos delirantes da mais intensa dor.

II

A família do comendador Pereira de Castro seguiu viagem e, com ela, a pequena Isaura.

Josefa, a escrava, transportada ao cumulo das grandes e mudas aflições, não pareceu viver desde a partida da filha. Viam-na as outras escravas atravessar calada os aposentos desertos, alheada de tudo, olhando em frente, como se divisando estivesse nos curtos longes do horizonte limitado uma visão, só para ela criada, a atrair-lhe poderosamente o olhar, a absorver-lhe todas as forças vivas do espírito e da razão.

Mas um dia, três anos depois, o sócio do comendador mandou chamá-la ás pressas. Acudiu indiferente, sem mau modo nem solicitude na expressão do rosto, como quem está acostumado a pensar e agir por vontade de outrem.

O sócio e procurador do velho Castro entregou-lhe, a sorrir, uma carta. Bateu desusadamente o coração da preta. Aquele papel não poderia ser senão da sua Isaura: o comendador, de tempos a tempos escrevendo ao sócio, pedia-lhe sempre informasse á Josefa estar a filha desta com saúde, muito desenvolvida e bastante adiantada nos estudos. Segurou a carta a tremer, e ficou-se a olhar longamente aquele homem, que sorria-lhe docemente, compadecidamente.

—Anda, vai, disse ele; é uma carta de tua filha... escrita por ela própria.

Escorreram lágrimas jubilosas dos olhos da escrava. Uma alegria sem fim dava-lhe precipitados pulos ao coração. Conservou-se, todavia, imóvel diante do branco, e olhava para ele, como desejando dizer-lhe alguma coisa.

Ele pareceu compreendê-la:

—Queres que a leia?

—Sim, sinhô, respondeu Josefa, entregando-lhe apressada a carta e preparando-se para ouvi-la, para saborear-lhe o gosto transcendente dos sentidos, a divina música ignorada das doces palavras escritas pela mão infantil da filha.

O sócio do Castro leu:

MINHA QUERIDA MÃE,

Escrevo-lhe de Paris, onde estou aprendendo num colégio e donde lhe envio milhares de beijos nesta carta, a primeira que por meu punho escrevo, para lhe contar, se pudesse, as muitas saudades que tenho da minha santa mãe e o grande desejo que sinto de estudar muito, para voltar depressa para onde está a mãezinha do meu coração. Ante- ontem fiz dez anos e o meu protetor ofereceu-me uma bonita pena de ouro, dizendo-me que com ela deveria escrever-lhe esta carta, minha boa mãe. Tenho passeado muito e gostado imenso desta bela cidade, onde o meu prazer seria completo se a senhora aqui estivesse junto da sua filha.

Abençoe-me e receba mil beijos que lhe envia

ISAURA.

Paris, 30 de dezembro de 1887.

Josefa chorava, soluçando, quando ouviu o nome que rematava a carta,— simples linhas banais, cheias de frases feitas, possuidoras, contudo, do grande merecimento de virem de parte da sua querida Isaura.

III

Era o dia 13 de maio de 1888. As ruas do Pará tinham festiva aparência, transbordando de povo rejubilado pelo conhecimento da lei que extinguiu a escravidão no Brasil. Cruzavam-se no ar o esfuziamento de grandes girândolas de foguetes e o eco ingente de milhares de vozes bramindo entusiasmadas louvores e vivas em honra ao glorioso sucesso. Galhardetes e coretos erguiam-se pelas ruas. Bandas marciais difundiam no espaço alegres harmonias de cálidos hinos excitantes.

Da casa do comendador Pereira de Castro correram para a rua todos os pretos, afim de lhes ser dada a parte a que tinham direito no geral regozijo.

Alguém ficou, todavia, indiferente aos sons exteriores do contentamento público. Uma preta deixou-se estar na cozinha e espreitava agora para todos os lados, temendo fossem surpreendê-la.

Quando teve a certeza de estar bem só, esboçou nos roxos lábios um sorriso espiritualizado e, tirando do seio um velho Paleógrafo, abriu-o nas primeiras paginas murmurando comovida:

—Vamo estudá a lição. Nhô Manduca, disse que pro mês que vem já posso lê a carta da minha filhinha. Quando chega esse dia, meu Deus?

E curvou a cabeça para o livro, na obstinação das grandes vontades vencedoras.

HISTORIA INCONGRUENTE

POEMETOS EM PROSA

Ao dr. Franklin Távora

I

Desde alguns dias andava triste, apreensivo e taciturno o coronel Fonseca.

A paisagem alegre que cercava a fazenda já não tinha o poder de evocar-lhe aos lábios aquele seu antigo sorriso prazenteiro, com que todas as manhãs saudava o nascer do sol, da janela do seu vasto quarto.

As pessoas da casa andavam escrutando o motivo daquela transição súbita no animo do velho. As conversas a meia-voz no copiar, á hora da sesta não traziam nenhum resultado elucidativo daquelas tristezas sem causa aparente. Todas as interrogações, que os olhares apresentavam, iam embotar-se na fria reserva do ancião, que persistia num silêncio desanimador.

E não havia razão para andar assim tristonho o coronel Fonseca: a fazenda progredia, graças ao magnífico tempo que, havia dois anos, reinava, o gado engordava e todos os vaqueiros viviam contentes, com disposição para o trabalho.

O Thiago, filho único do coronel, não reparara ainda naquelas concentrações do pai. Vivia todo entregue a uma paixão tão ardente como sincera, para ligar atenção a qualquer coisa que se passasse em outra parte que não fosse no próprio coração.

E a Venância, a formosa donzela que todos os dias obrigava-o a ir á vila próxima, bem merecia aquela dedicação egoística, porém desculpável.

Filha de um velho fazendeiro, era ela duma bondade proverbial e duma honradez reconhecida, sem precedentes de macula. Trabalhadora, vivia a cuidar dos irmãozinhos mais novos que ela, a fazer-lhes a roupa, a apaparicá-los, a rodeá-los de cuidados, interessando-se muito pelo bem-estar físico do todos aqueles pequeninos seres a ela confiados pela mãe, na ocasião de morrer.

Entretanto, quem pudesse perscrutar a alma do coronel, veria com pasmo que era justamente o amor do filho a origem das suas tristezas.

É certo: Fonseca sentia grande contrariedade em ver que o Thiago de dia para dia mais se ligava de amizade á Venância da vila, como á rapariga chamavam os da fazenda. E quem se aproximasse da maqueira do coronel, quando ele dormia

os seus curtos sonos noturnos, poderia muitas vezes ouvi-lo pronunciar estas palavras:—"É impossível semelhante casamento!"

II

Uma tarde, quando o coronel Fonseca, encerrado no quarto, escrevia ao seu correspondente da capital, apareceu-lhe o Thiago, dizendo-lhe que necessitava falar-lhe com urgência.

O velho estremeceu, prevendo talvez que o filho ia acercar-se dum assunto ao qual ele fugia há muito tempo.

Foi a fazer um violento esforço sobre si mesmo que murmurou:

—Fala quando quiseres.

Thiago sentou-se na beira da rede e guardou silêncio por momentos.

O velho Fonseca olhava para ele com as pálpebras escancaradas em uma expressão de curiosidade e pavor. Tremia ligeiramente, com os nervos todos irritados.

—O diabo da gota quer visitar-me! pensou.

No entanto, Thiago enxugava o pescoço com o lenço e começava em seguida:

—Meu pai, o negocio a respeito de que venho falar-lhe é importante de mais, para que eu estrague tempo e palavras em rodeios desnecessários. Vou ser breve, mesmo porque estou morto por saber qual será a resposta de meu pai.— Desejo casar-me.

Conteve o coronel um gesto de indignação e disse, mostrando indiferença.

—Pois casa-te, rapaz. Eu não me oponho... Contanto que seja a moça escolhida merecedora de ser tua mulher...

—Oh! se tal é a condição que apresenta, posso afiançar-lhe que brevemente me casarei. Boa e séria, meiga e honesta, trabalhadora e cheia de dedicação, creio que poucas moças como ela encontrei no Pará durante os seis anos que lá estive a estudar no seminário e no liceu.

—Felicito-te, por isso, disse ainda o coronel, sentindo fortes dores nas fontes, com o coração acelerado, porém a afetar tranquilidade.—Mas então quem é a rapariga?

Thiago sorriu indizivelmente,—com uma beatífica expressão de intensíssima felicidade no semblante, e exclamou:

—É a Venância da vila, a minha querida Venância!

O velho ergueu-se impelido pela comoção. Supondo tal ação um meio de que o pai servia-se para testemunhar-lhe a sua aquiescência, Thiago ergueu-se também e correu a abraçá-lo.

Mas o velho, fazendo um lento sinal com o braço estendido, paralisou-lhe a vivacidade do movimento e murmurou, tremendo todo:

—Atende-me, Thiago, meu filho! Há muitos anos que sei de teus amores com a Venância. Grandes motivos, que talvez conhecerás um dia, impediam-me de favorecer a esses amores, assim como inibiam-me de opor-me a eles desassombradamente. Fingi ignorar tudo, na esperança de que os anos lançassem o tédio sobre as vossas almas cativas uma da outra por aquilo que eu pensava ser o entusiasmo pela novidade. Com imensa dor verifiquei o meu engano, porquanto foste fiel á tua palavra, do mesmo modo por que Venância o foi á sua. Isto seria uma grande felicidade se não fosse uma enorme desgraça. Quer dizer, seria um apreciável penhor da tua ventura por vir, se o objeto da tua paixão fosse qualquer outra mulher, que não a Venância... Olha, Thiago, sem procurares inquirir qual o verdadeiro e imperioso motivo que assim me força a magoar-te o coração, esquece essa rapariga, deixa de visitá-la, ausenta-te de Marajó, vai para a capital, ou para o Rio de Janeiro, ou para qualquer cidade longínqua, onde julgues ser-te fácil achares uma mulher a quem possas oferecer a mão...

—Mas porquê, meu pai? interrogou Thiago assombrado, com o coração opresso debaixo duma tristeza incalculável, sentindo que as palavras do pai minavam-lhe o edifício da felicidade por tantos anos construído com um profundo amor expurgado de malícia.

—Porque assim é necessário,—redarguiu o velho, numa veemência de gesto e de entonação.

—Pois fique sabendo que, se não explicar satisfatoriamente a causa de semelhante oposição, só tomarei as suas palavras como originárias duma razão que a idade torna vacilante e digna de piedade!—bradou Thiago já fora de si, ferido n'essa grande porção de egoísmo que todo o homem tem consigo.

—Ingrato, murmurou o velho, deixando-se cair sentado e chorando copiosamente.—Pois assiste á morte do teu coração, visto assim o desejares: ouve-me!

Pela janela aberta, via-se o vastíssimo campo do lado oeste da fazenda, coberto duma vegetação uniforme de capim crestado pelo sol. Vitelos saltavam ás cabriolas e grandes bois mansos, muito gordos e vagarosos, pastavam tranquilamente os fios de curto capim seco, abanando as longas caudas num compassado movimento automático. Ao longe, um touro preto, perfilado e sério, olhava para a linha escura do horizonte, entretido em lamber as ventas lustrosas de ranho com a flexível língua cor de cinza de charuto. Um cheiro almiscarado de erva seca e de excremento de boi subia até ao quarto. Vaqueiros zangarreavam numas flautas campestres, muito rudimentares, feitas de talos de mamãozeiro. Urros melancólicos de vacas chamando pelas crias casavam-se com essas fáceis melodias bucólicas, vibravam pelo espaço em propagações suaves que, dilatando-se cada vez mais, perdiam-se no ar como um suspiro flébil de extrema ternura. E da linha do horizonte, que recortava-se muito distante sobre o azul escuro do céu, levantava-se vagarosamente a noite, majestosa e tranquila em sua imponência sedutora.

O velho enxugou as lágrimas e começou a falar.

III

—Como sabes, tinhas dois dias quando tua santa mãe nos faltou. Até agora não sei como possível me foi resistir a essa desgraça, que eu a principio reputei capaz de tirar-me a existência. Três anos passei encerrado n'este quarto, sem visitar as nossas fazendas, sem receber ninguém, apenas gozando em tuas inocentes caricias um pálido reflexo daqueles grandes afagos que a tua idolatrada mãe fazia-me constantemente. Passados esses três anos, compreendi que o teu futuro exigia-me impusesse silêncio á minha dor, e cuidasse de nossos bens, para dar-te uma boa educação e, depois da minha morte, fazer-te herdeiro de uma riqueza suficiente á tua manutenção. Saí, pois, do quarto, pedindo mentalmente á alma de tua mãe tomasse este sacrifício como feito por amor de ti e, por conseqüência, por amor dela. Negócios meus exigiam que eu fizesse frequentes viagens á vila, onde, há vinte e três anos, isto é, quando tinhas cinco, encontrei-me com uma senhora amazonense, mulher dum velho amigo meu, fazendeiro em Chaves e morador da vila. Essa senhora era o retrato vivo de tua mãe. Por um fenómeno de impressionismo,—sem o querer, sem o sentir—fui-me enlevando das graças dela, até chegar ao ponto de pensar que tua boa mãe tornara á vida e volvera a amar-me como dantes!

Quando eu ia á vila, hospedava-me em casa desse antigo companheiro. Tal convivência maior aumento deu ao meu amor, que transformou-se em grande

paixão, toda entusiasmos e veemência. As fazendas de Chaves faziam com que o marido dela se ausentasse muitas vezes da vila, deixando-me ao lado da mulher que... poupa-me a vergonha de comunicar-te que... titubeou o coronel, muito triste, com os olhos mareados de lágrimas, a arfar do peito e a contrair o rosto numa visível agonia causada pelos remorsos.

— enfim,—disse com energia e, desta feita, dando expansão ao pranto,—o resultado dessa criminoso, dessa infame e baixa paixão, foi o nascimento duma menina, que o meu velho amigo ingenuamente supôs ser sua filha...

— e essa menina é... Ve..nân..cia?—inquiriu Thiago com os olhos arregalados, os cabelos crispados, as mãos fechadas fortemente, sentindo fraquejar-lhe o espírito ao embate de tamanha comoção.

—Sim, Thiago, sim, é Venância, fruto da minha infâmia, a filha do crime, a filha dum amigo traidor e duma esposa miserável que não soube resistir á minha tentação! É Venância, a mulher com quem te queres unir pelo... casa...mento! É tua irmã, insensato!...

E caiu redondamente para traz, agitado nas convulsões da gota, da sua moléstia habitual, ao mesmo tempo que o filho rolava sobre a rede de maqueira, fulminado pela morte, que providencialmente o livrou duma vida que daí em diante só poderia ser de tormentos e angustias indizíveis.

O PREÇO DAS PAZES

POEMETOS EM PROSA

A J. A. Pinto Barbosa

I

O meu amigo Ernesto acendera um charuto, concertara o *pincenez* sobre o espirituoso nariz arrebitado; acomodou-se melhor na vasta poltrona, muito fofa, em que estava sentado diante de mim e começou:

—Pois vou referir-te o grande caso a que há pouco aludi, á mesa, sem poder contar-t'o inteiro, pela importuna presença daquelas senhoras.

Afigura-te ao espírito, meu amigo, a mulher mais belamente divina e mais divinamente fascinadora que possa existir: alta, esbelta, de corpo dotado de umas adoráveis redondezas triunfantes; cútis morena, aveludada; olhos negros e brilhantíssimos,—como duas caçoilas de misteriosos filtros embriagadores;—cabelos muito pretos e ondedos, recedentes a boa olência de selvática baunilha; um donaire, uma soberania inteira de majestoso porte e fidalga apresentação cativante, capaz de enlear-nos em toda a série de crimes que ao humano pensamento é dado formular em dias de torvas reflexões e sinistras ebriedades pecaminosas: uma revelação pasmosa, um exemplar perfeitíssimo da mulher-única, da mulher-incomparável, o arquétipo da elevação dos dotes, a civilizada manifestação das nossas lendárias iaras amazônicas! E, a par de tudo isso, um espírito cultivado, uma ilustração perfeita de erudita, conversas sedutoras borbulhando entre uns dentes alvíssimos, pequeninos e iguais, feitos de puro marfim, duma alvura de leite, engastados em formoso coral, brilhante como os róseos lábios úmidos da microscópica boquinha sombreada dum leve buço,—o complemento da sedução, o requinte da tentadora volúpia daquele delicioso ser. Imaginaste? Pois bem; assim era a Marocas, a esposa do altivo general Bandeira, velho quinquagenário de elevada riqueza materializada em apetitosas centenas de contos de réis, depositados nos principais bancos do Brasil.

Compreende agora, depois do que tenho vindo a dizer-te, enquanto a azulada fumaça deste charuto caprichosamente descreve espirais no espaço, como poderia amá-la o esposo, vendo-a tão nova, a seu lado, toda entregue a seu amor,—desde os tímidos beijos assustadiços repentinamente dados, ás vezes, no vão de qualquer janela dos aposentos desertos de enfadonhas testemunhas, até ao completo desnudamento arrepiado e perfumoso, muito encolhido e cálido, que apresentava-lhe na misteriosa liberdade pacífica da recatada alcova,

alta noite, com a sua elevada estatura de lírio a erguer-se, entre neves de rendas, difundindo aromas que sabia embriagadores, irresistíveis.

Uma fascinação, aquela dupla existência de acendrado amor. Mútuos caprichos eram satisfeitos com afã, com orgulho, como quem dedica-se a todos os sacrifícios para conquistar uma estima á força de constantes provas de louvável desinteresse.

Confesso não ter ainda visto a repetição daquela invejável existência de afetuoso enlevo,— ele no declinar da vida, ela em toda a maravilhosa florescência dos seus vinte e cinco anos. Passava horas inteiras a contemplá-los, absorto na admiração dessa alheia felicidade que fazia-me venturoso,—tanto é certo que uma perfeita harmonia de suave existência rica de afetos possui o dom de espalhar ao redor de si um como jubiloso transbordamento do seu excesso.

Muitos anos haviam já passado, desde que o matrimonio os uniu, quando Marocas fizera o seu décimo quinto aniversário,— e nem um só instante o arrependimento lhes chegara de se terem para sempre ligado por um prematuro enlace sacramental: era a sua vida atual como a fiel reprodução do dia em que, pela vez primeira, acordando na penumbra da discreta alcova, deram-se, entre dois beijos pouco ousados ainda, o amorável tratamento de esposo.

Verdadeiramente admirável, não achas?

II

Mas houve um dia em que a primeira nuvem duma indisposição flutuou, soturna e lúgubre, no belo céu, puramente azul, da tranquila felicidade jubilosa de ambos.

Foi uma verdadeira desgraça suscitada por um capricho desarrazoado da formosa mulher do general. Ele tivera o arrojo de negar-se,—pela primeira vez, é certo,—a satisfazê-lo, e a Marocas sofrera em cheio no coração a dureza da áspera repulsa. Longos fios de intermináveis lágrimas deslizaram-se-lhe dos grandes olhos tentadoramente lânguidos, pisando-os com força, circulando-os das roxas manchas tristonhas que têm os infelizes habituados ao pranto.

Mas esta manifestação de fraqueza apenas algumas horas durou,— enquanto o velho general, encerrado no seu quarto particular, trilhava a passos desmarcados o soalho, já meio arrependido da quase brutal violência com que resistira ao serpentino ataque fascinador da idolatrada esposa.

Depois veio a reação, em seguida á crise histérica dos abundantes prantos silenciosos. Uns assomos de majestosa indignação, muito concentrada e muda, chegaram-lhe por fim, segredando-lhe mentalmente duros meios de infligir ao marido memoráveis ensinamentos de justas represálias.

E a Marocas prometeu elevar-se acima de si própria, ser tão ríspida como brutal havia sido o incivil do general.

Ai, meu caro amigo! Foi severa a lição! O pobre general Bandeira mais duma vez sentiu-a espicaçando-o, quando o despeito da Marocas, ao fim da primeira semana, obrigava-o ainda a passar as noites sozinho em seu quarto,— numa triste solidão de viuvez frigidíssima...

Tentou o velho militar sofrer a dura necessidade, resistir-lhe com valentia, refreá-la dominada no fundo de seu ser. Seria possível que não tivesse a força de vencer-se, ele, o ilustre soldado de quem tanto temiam os paraguaios, anos antes, nas selváticas solidões onde o nosso exercito ferira tão sanguinolentos combates contra as guerrilhas do valente Lopez?

Mas, pouco depois, aquelas entusiastas resoluções enfraqueceram, como cai uma vela, enrugada e palpitante, ao longo do mastro, ao faltar-lhe subitamente o preciso bafejo galerno de murmurosa brisa.

O general desejou capitular, no extremo das forças. Um arrependimento, cujo peso a necessidade tornava insuportável, chegou-lhe após essas momentâneas resoluções de superiores resistências... impossíveis naquele pobre e velho espírito d'homem tolamente embeijado pelas cativantes graças da mulher.

Com efeito, capitulou.

Uma noite, quando os corredores abandonados não repercutiam mais os passos das escravas e uma luz baça coava-se pelos foscos vidros de lâmpadas discretas, saiu cauteloso da sua alcova e, com o coração a pulsar violento, dirigiu-se ao quarto da mulher.

Á porta, parou, indeciso.

Um rumor d'água revolvida vinha pelo interstício das folhas de madeira entrecerradas, em mescla a um suave aroma de japana e manjerona sensualmente esmagadas em opoponax, diluídas na doce tepidez da água.

Marocas tomava o costumado banho da noite, com a porta aberta, na simples ingenuidade descuidosa da sua tranquila inocência de mulher que em nada de mau pensa.

Quis o velho retroceder, porventura ruborizado do passo que estava dando. Sem o desejar, espreitara pela frincha da porta, e um belo corpo, feito d'ámbar e leite, emergia da banheira, no meio do quarto, vaporizando a t pida emana o subtil das suas frescas, rosadas carnes belamente sedutoras e deliciosamente juvenis.

Um desejo brutal incendiou-lhe o sangue, ao tempo que as narinas, aflando precipites, aspiravam com vigor o aroma das excitantes plantas. Empurrou a porta, correu para junto da mulher e lançou-se-lhe aos p s, choroso, suplicante, todo caricias e doces palavras bondosas, impetrando o perd o, solicitando um armistício, pedindo pazes seladas com a ardência duma deliciosa e suprema compensa o!

Ela, porém, a Marocas, impassível e imperturbável—ao tempo que envolvia-se toda em fino lençol de transparente cambraia, num gracioso rubor de impecável donzela,— estendeu o braço para a porta e, mostrando-lha, disse ao general estarecido:

—Retire-se, cavalheiro! Seja digno de mim, conquiste-me, se quiser aparecer neste quarto no caráter de esposo idolatrado.

E ele teve de sair,—ao reconhecer a impossibilidade de persistir numa resistência, que só poderia ser-lhe prejudicial.

III

O velho Bandeira, nos dias subsequentes, dava-se a perros para descobrir um meio bastante forte, pelo qual pudesse ao fim reabilitar-se perante a mulher, sem, todavia, encontrar um expediente, que triunfantemente o salvasse da terribil ssima colisão.

Presentes, fez-lhe, e muitos e valiosíssimos: sedas, joias e finas pedrarias em todo o Pará não houve, que logo as não comprasse profusamente, para animar a caprichosa Marocas, reclusa em forte baluarte de duras reservas embara adoras. Nada conseguia, senão aumentar o próprio desespero, em que também dissolvia-se uma pontinha de enrubescida vergonha, pela capitula o a que estava a sujeitar-se, com toda a mesquinhez das pequeninas baixezas.

Um caso fortuito, porém, veio livrá-lo de apuros, quando o sofrimento pesava-lhe já como a brutalidade esmagadora dum bloco de granito atado aos ombros desformados de mísero an o corroído por toda a série das enfermidades secretas.

Aconteceu que, naquele mesmo tempo, fora o general Bandeira convidado para examinador de matemáticas, durante os exames da comissão especial da delegacia geral da instrução secundaria do município da corte,— essa criação absorvente e desconchavada, que tira toda a força autonômica dos nossos liceus provincianos, reduzindo-os ás simples e modestas proporções de insignificantes escolas de primórdios científicos e literários, destituídos do mínimo valor perante as academias superiores do Império...

Mas dispensemos esta tirada pedagógica, meu excelente amigo, e continuemos na exposição dos acontecimentos que prometi referir-te.

O general aceitara e convite com extraordinário gáudio do delegado especial, a quem eram familiares os inflexíveis rasgos de rude catonismo do Bandeira. Disposto a conservar as suas tradições de severo examinador, preparava-se para dirigir-se ao Liceu, no dia marcado, quando—oh! admiração!—apareceu-lhe no quarto a mulher, a Marocas, arrastando um longo penteador de batista, ornado de finas rendas sobre o colo, por cima das mais apetecíveis redondezas túrgidas que é possível imaginar.

Trêmulo, o velho, que nesse mesmo instante havia acendido um charuto, esqueceu-se do lado em que lhe transmitira a luz do fósforos e enterrou-o desjeitosamente na boca, em sentido oposto aquele de que deveria servir-se para fumar satisfatoriamente.

O contato do fogo na língua obrigou-o a dar enorme pulo, que estabeleceu entre ele e a Marocas uma distancia considerável.

A Bandeirinha sorriu do ridículo do acontecimento; mas, cravando logo os dentes nos diminutos lábios vermelhos como papoulas, conservou a necessária seriedade e acercou-se mais do marido, reconquistando o espaço que aproximava-a dele.

Depois, disse, estendendo-lhe um cartão de visita:

—Vai hoje examinar matemáticas, general?

—Vou... sim...

—Pois então, este moço irá fazer exame por mim...

—?...

—Ouviu...?

—Sim.

—Veja lá como se porta. As matemáticas não são o meu forte. Eu não estou muito habilitada.

E, sem atender ao general, que tentava protestar por aquele assédio, por semelhante reclamação de um escândalo impossível á sua severidade, a bela Marocas fugiu a correr nos bicos dos pés, arrastando a cauda do penteador, difundindo no quarto um cheiro inominado de roupas brancas, essências boas e rijas carnes feminis e jovens.

IV

Chegando ao Liceu, o general consultou furtivamente o cartão que lhe entregara a mulher:

Antonio da Silva Laranjeira

Encaminhou-se ao grupo de examinandos e perguntou pelo sr. Laranjeira. Apresentou-se-lhe um rapazelho espigado e pálido, de cabelos á quiritu, olhos arregalados e unhas sujas, orladas de escoriações na derme. Que era ele próprio, sim senhor. E uma voz fanhosa, cheia de bajulações servilíssimas, resmoneou a pequena frase afirmativa, solicitando ali, em sua exagerada afabilidade, a complacência do examinador.

O general voltou-lhe costas, com a garganta apertada pela comoção, mal resistindo ao desejo de esbofetear sem clemência aquele vadio que tivera o arrojo de ir apadrinhar-se com a sua Marocas, para induzi-lo ao crime duma indignidade—arrastá-lo a quebrar os seus votos de severa justiça de indomável rispidez com os estudantes.

Dáí a pouco, foi chamado ao exame oral o sr. Laranjeira, cuja prova escrita não poderia ser pior. Escusado é dizer-te que o pequeno espezinhou a ciência com toda a coragem dum preparatoriano ignorante. Como, porém, desempenhava ali as altas funções de representar a bela Marocas, á falta de Minerva, o general deu-lhe boa nota e muito empenhou-se para que a indulgência dos demais examinadores salvasse da guilhotina o infeliz.

Ao regressar a casa, encerrava-se o general em seu quarto, quando apareceu-lhe a esposa, sempre sedutora e rescendente a gratos perfumes finíssimos, Couro da Rússia, e jasmim do Cabo.

— então?—perguntou ela meio-rindo.

—Aprovado, afirmou o general deixando pender a cabeça, desfalecido,—talvez envergonhado da sua fraqueza, corando porventura de não haver oposto resistência á tentação.

—Oh! belo! belo!—gritou a Marocas, lançando-se-lhe ao pescoço, beijando-o com frenesi, apresentando-lhe á flor do rosto—á ponta do nariz—os lindos pomos intumescidos, alvejando sob o fino tecido das rendas que ornavam o penteador sobre o peito.

Ele abriu os braços, recebeu-a como dentro de si próprio, num grande amplexo nervoso—a manifestação penúltima do seu intensíssimo desejo de reconciliar-se com a mulher.

Ela impelia-o, devagarinho porém incessantemente, para o sofá perfilado junto á secretária do general, acarinhando-o com o olhar, com a voz, com os lábios estendidos em titubeante murmúrio voluptuoso.

Mas o velho deteve-se de repente, como transformado em estatueta. Imóvel, silencioso! Só as pálpebras tremiam-lhe precipitadamente. Afinal, duas grossas lágrimas escorreram-lhe dos olhos, muito grandes, muito lentas.

—Que tens? inquiriu ela, assustada, beijando-o sobre uma orelha, amimada e tentadora, infantilizando a voz, que logo tomou dulcíssima harmonia.

—Penso que muito caras custaram-me estas pazes, meu amor. Um escândalo, aquela aprovação!

—Ah! volveu ela, abraçando-o com força, reconquistando-o, reconduzindo-o para o sofá, espiritualizada de prazer, sorrindo estranhamente.

E após um instante empregado em oscular a fronte encanecida do esposo,—caindo ambos para o sofá hospitaleiro—murmurou-lhe ao ouvido, entre um ruge-ruge de roupas:

—O que é bom custa caro!

REMEMBER
POEMETOS EM PROSA
A Paulino de Brito

I

Não tens então no peito a mínima raiva contra mim?—perguntei-lhe admirado, fitando-a todo comovido pelo prazer das recentes pazes.

—Não! confirmou a rir, sacudindo a loira cabecinha tentadora, onde os loucos anéis dos seus cabelos tremulavam faceiros, numa opulência, numa prodigalidade de adoráveis eflúvios fascinadores. E toda a sua pequenina pessoa, delicada e meiga, parecia desabrochar as florescências gentis das suas graças, dos seus divinos dotes triunfantes em meio á pujança da invejável mocidade!

—Pois bendita sejas tu, cândida e pura, amada e amante virgem, que tanta bondade tens na alma, quantas são as seduções capitosas do teu belo rostinho, coroado desses loiros cabelos, cujos anéis, loucos e faceiros, tremulam opulentos, em adorável prodigalidade de fascinadores eflúvios!—retorqui arrebatado em grande entusiasmo, atraindo-a castamente para mim, num impulso de gratidão, ainda todo comovido pelo prazer das recentes pazes.

E assim ficou justificado e perdoado o meu primeiro atrevimento, que manifestara-se no roubo dum beijo,— dum pequenino beijo fugitivo,—aquela bendita virgem, cândida e pura, cujo delicado corpo como que desabrochava as divinas graças triunfais em gentis florescências de invejável juventude pujante!

As rosas pareceram agitar-se nos verdes ramos, espreitar maliciosas esse entusiasmo da minha amante virilidade em face das seduções capitosas de tão belo rostinho!..

II

Mas anoitecera de todo. A latada que nos abrigava com os seus floridos jasmineiros rescendentes maior escuridão comunicava á parte do jardim onde havíamos feito pazes, após o intemerato roubo de um beijo colhido nos rubros lábios mádidos da minha pequenina amante fascinadora.

Um silêncio embaraçador enleava-nos em tibia indecisão. A loira cabecinha dela descansava indolente no meu ombro, com os lindos anéis undiflavando-se-lhe tranquilos, concentrados, ao longo das corretíssimas espáduas.

E uma tentação chegou-me a súbitas, sob a latada que abrigava-nos com seus recendentes jasmineiros floridos, entre o silêncio enleando-nos embaraçadoramente em tibia indecisão.

Já tinha-se curvado a minha frente para a loira cabecinha a descansar-me no ombro, indolente e concentrada, e um desejo de intemerata relapsia assaltava-me poderoso, induzindo-me a colher novo beijo,—um fugitivo beijo pequenino e casto,—nos úmidos lábios da minha gentil e tentadora amante.

Ela, porém, de salto ergueu-se, vibrante e nervosa, rápida e precavida. Uma das mãos subiu-lhe célere á altura da cabeça, ameaçadoramente. Bateu o pesinho, numa expansão de enfado incipiente...

—Se reincidir, não perdôo mais!— exclamou, avisando-me, com a voz ainda repassada de toda a indolente volúpia de pouco antes e fugiu-me das mãos estendidas nervosamente, mais rápida que esses doces momentos de gozo que me concedeu, enquanto descansava a frente no meu ombro, com os formosos anéis da adorável cabecinha louca undiflavando-se-lhe tranquilos pelas corretíssimas espáduas.

Deixei-me ficar, triste e concentrado, sob a perfumosa latada, em meio á escuridão, recordando o prazer das jubilosas pazes feitas após o roubo de um beijo,—do primeiro beijo, pequenino e casto,—aos ardentes lábios mádidos da minha bendita virgem.

E as rosas pareceram agitar-se nas verdes ramas invisíveis quase, num recolhimento compadecido, lamentando a inutilidade da minha juventude em face do capricho daquela pequenina cabeça loira, de triunfantes graças capitosas, que só admitira e perdoara o meu primeiro atrevimento... ainda tão inocente e retraído!...

AO SOL

POEMETOS EM PROSA

A Fernando A. da Silva

Ó tu, que rolas por cima de nossas cabeças, resplandecente como o escudo de nossos pais; donde saem os teus raios, ó sol? Donde vem a tua luz? Caminhas em tua majestosa formosura. Vendo-te, escondem-se as estrelas no firmamento; pálida e fria, a lua afoga-se nas ondas do ocidente. Ficas sozinho, ó sol: quem poderia acompanhar-te o curso?

Caem os carvalhos das montanhas; as próprias montanhas são minadas pelos anos; o oceano eleva-se e abaixa-se alternadamente; a lua eclipsa-se no fundo dos céus; só tu és sempre o mesmo.

Alegras-te sem cessar em tua brilhante carreira. Quando o mundo está sombrio pelas tempestades, quando o trovão ribomba e voa o raio, saís radiante do meio das nuvens e ris do furacão!

Mas, ai! em vão brilhas para mim! O velho bardo já te não vê os raios, quer fulja a tua doirada cabeleira entre as nuvens do oriente, quer trema ás portas do poente a tua luz bruxuleante.

Mas talvez, como eu, só possuas uma estação e teus anos terão um termo: virá talvez um dia em que empalideças no meio da carreira e a aurora próxima em vão esperará o teu regresso.

Regozija-te, portanto, ó sol, na força da tua juventude! A velhice é triste e aborrecida: parece-se com as túbias claridades da lua, as quais perdem-se entre nuvens dilaceradas pelo vento norte, quando este semeia ao longe as estevas murchas, quando o úmido nevoeiro envolve a colina e o viajante transido tiritá nos caminhos desertos...

O PÁROCO DA ALDEIA

POEMETOS EM PROSA

Ao Padre Dr. Leorne Menescal

É a providencia da pobre aldeia aquele jovem sacerdote de tez morena e olhar carinhoso como um conselho de Jesus.

A sua parca mesa está sempre ás ordens dos mendigos, a sua porta aberta sempre aos viajantes, a sua boca incessantemente murmura consolações ás pessoas que sofrem.

Muitas vezes, alta noite, vão chamá-lo para ministrar os socorros da religião a algum enfermo, em qualquer das aldeias que formam a serrana freguesia. Então, levanta-se ás pressas, monta a cavalo e lá vai montanhas fora, a galope, ladeando tenebrosos precipícios, sob a chuva, tiritando de frio, impassível como um herói e contente consigo mesmo, sentindo-se alegre por ir cumprir um dos misteres que lhe impõe a sua profissão, tão bem compreendida por sua bela alma!

Nada o assusta, nada o intimida, pois tem a certeza de que todos aqueles montanhesees simplórios amam-no sinceros e respeitam-lhe os conselhos de paz e bondade.

Quando começou o movimento abolicionista na Fortaleza, o reto sacerdote arvorou-se em defensor dos escravizados na sua modesta paróquia da serra de Baturité. Em poucos meses, graças a seus esforços e á ilimitada simpatia que a todos inspira, as aldeias sob o seu vicariato não tinham um ser cativo: todos eram iguais!

Quando sai de casa, encaminhando-se á pequena igreja, cuja torre branca de neve lança-se para o firmamento no alto de verdejante colina, as criancinhas, que brincam ás portas das casas, acodem a beijar-lhe a mão e as mães saúdam-no respeitosas, balbuciando uma benção...

Aos domingos, á prédica do Evangelho, vi-o, por diferentes ocasiões, fazer com a unção de sua palavra, que as lágrimas borbulhassem nos olhos dos assistentes. Domina-os a todos com o seu irrepreensível modo de viver, fertilíssimo em bons exemplos.

Nada possui: dá tudo aos necessitados, sem ostentação, naturalmente!

Ah! bendito sejas tu, Providencia da pobre aldeia, ó caritativo sacerdote de tez morena e olhar carinhoso como um conselho de Jesus!...

PARÁFRASE OCEÂNICA

A Frederico Rhossard

Ó bela, ó sedutora Malvina, sai do teu refúgio noturno, desce do rochedo sinistro onde o vento-norte ruge em torno de ti. Acerca-te de mim.

Inflamados sulcos os fantasmas dos mortos traçam sobre as nossas torrentes. Ouço-os passar no meio dos turbilhões e suas vozes fanhosas são os únicos sons a perturbar o majestoso sossego das trevas.

Ó tu, cuja mão branca e delicada desferia melancólicos gemidos nas harpas de Luta, tenta ainda consolar-me com teus hinos poéticos e dolentes. Desperta essas cordas adormecidas, canta, ó Malvina, e reaviva o meu gênio, cuja chama foi sopitada pelos anos implacáveis.

Vem a mim, ó Malvina gentil, na obscuridade desta longa noite que entristece-me. Porque privaste-me da meiguice de teus cantos! Quando o regato cai na colina e rola, depois do furacão, sob a luz radiante do sol, o caçador escuta-lhe com prazer os suaves murmúrios, sacudindo a úmida cabeleira.

Assim a tua sonora voz, Malvina, encanta o amigo dos finados heróis. Infla-se meu peito; o meu coração palpita. Delineia-se a meus olhos o passado. Vem, ó Malvina, não divagues mais no meio das tenebras!

BIDINHA

POEMETOS EM PROSA

A Mucio Javrot

Aqueles versos terníssimos, duma inspiração ideal e faceira, haviam-lhe feito compreender que o poeta amava-a. Sem o sentir bem, ela começou a amá-lo, a amá-lo também... Quando, por acaso, encontrava-o em casa da prima, corava, julgava sofrer e gozar a um tempo e entrava a fitá-lo amável e longamente, com essa persistência abstrata dos verdadeiros êxtases apaixonados...

O poeta conheceu não ser indiferente aquela moça tão pálida, tão triste, cujo olhar tinha os fluidos voluptuosos das paixões ardentíssimas...

E, não sei bem porque, fugiu-lhe: passou um mês sem ir á casa da prima da Bidinha, para não vê-la. Depois, de si próprio envergonhado, lá foi e encontrou-a, mais pálida ainda... e com os olhos,—aqueles tentadores, faiscantes olhos eloquentes,—mais, muito mais bonitos... Teve pena dela: num momento em que ficaram sós na sala,—onde recendia o perfume dum ramo de reseda posto num jarro em frente ao retrato duma velha senhora de fronte enrugada e olhar suave—declarou-lhe amá-la desde muito, intensamente.

Ela, a Bidinha, a pálida dona do álbum que recebera aqueles terníssimos versos, duma inspiração ideal e faceira, sorriu, estremeceu e murmurou apenas quase ininteligível som.

Daí em diante, a felicidade uniu-os sempre em amorosos colóquios noturnos, em aquela mesma sala.

Tempos depois, teve o poeta de fazer uma viagem. Os protestos de mutua fidelidade foram longos, como longa deveria ser a ausência. Dando-lhe o aperto de mão de despedida, quase desfalece a Bidinha, tal foi a angustia que atravessou-lhe o coração!

Por um artifício da sorte, o poeta esqueceu-se da encantadora criança a quem jurara amor perante o retrato da velha senhora de fronte enrugada, enquanto recendia na sala o perfume dum ramo de reseda.

Ela esperou-o durante meses, durante anos... Oh! lancinante dor das longas expectativas!... Espera-o ainda...

Á tarde, quem for ao pequenino quintal da casa dela, poderá vê-la sentada sob um grande jasmineiro estendido ao longo de vasta latada,—com o olhar suave e tristemente fito nas paginas dum álbum, soluçando baixinho palavras de saudosa recriminação.

Aqueles versos terníssimos, duma inspiração ideal e faceira, haviam-lhe feito compreender que o poeta amava-a!...

AO DESPERTAR

Ao sr. A. R. d'O. Gomes

Nem tudo o que luze é ouro.

PROVERBIO POPULAR.

I

A alcova nupcial em noite de noivado.

Um perfume suave de flores volita invisivelmente pela atmosfera da peça, exalando-se dos grandes vasos de porcelana, onde as rosas variegadas em cores desabrocham opulentas, refletindo-se nos espelhos e como espiando curiosas para o leito de alvas cortinas discretamente cerradas... Uma lâmpada com vidros baços, cor de leite, esparge branda luz em torno, sem crepitação, numa solene impassibilidade, que dá certo ar majestoso ao silêncio do recinto.

Dois pares de pantufos de seda branca escancaram as cavas como num bocejo, sobre a fina alcatifa azul, aos pés da cama.

Em cima do leito, abandonada, a grinalda de flores de laranjeira repousa meio escondida sob um lenço de fina batista com um monograma bordado.

Há quinze minutos que a noiva penetrou no quarto, muito pálida e trêmula, seguida pela madrinha, e atirou sobre aquela cadeira preguiçosa o elegante espartilho e o corpinho de labirinto...

Há quinze minutos a jovem Paula, toda transida ante os mistérios que se lhe atulhavam na vida que ia começar em breve, deixou-se escorregar pelos finos lençóis e descansou a bela cabeça de paraense morena, em cima do travesseiro macio como a flor do algodoeiro...

E há dez minutos apenas que o seu noivo, o seu querido Alfredo, entrou a passos leves, amoroso, cheio de grandes anseios, com os lábios contraídos num leve rictus de satisfação, de ventura.

Dez minutos antes, ele descerrara as cortinas que se fechavam numa pudicícia, e murmurara baixinho, todo emocionado:

—Permites?...

E agora, enquanto eles dormitam, amorosamente enlaçados, sonhando felicidades paradisíacas, um perfume suave de flores volita pela atmosfera da

peça, exalando-se dos grandes vasos de porcelana, onde as rosas multicores desabrocham opulentas, refletindo-se nos espelhos e como espiando curiosas para o leito de alvas cortinas discretamente cerradas.

II

O casamento realizado naquele dia fora o epílogo de um longo namoro de seis anos, muito abundante em peripécias interessantes, como indisposições súbitas, brigas e malquerenças de alguns meses por causa de nonada, e, depois, de repente, pela influencia de não sei que espírito benéfico, pazes feitas com abundantes expansões apaixonadas, reconciliações ternas e carinhosas, que os prendiam temporariamente num enlevo.

O pai de Paula era um velho capitalista retirado dos negócios, brasileiro obeso e rubicundo a destilar suor e essa satisfação do homem rico que vive contentíssimo da sorte.

Criara para a filha um ideal—um casamento com um bacharel. Semelhante aspiração, incontestavelmente modesta, fizera o velho procurar certa roda, para a frequentar, quando a filha chegou aos 15 anos. Viúvo,—a mulher morrera-lhe de parto, ao dar á luz um ente raquítico, inviável,—deixava a filha nos salões e ia procurar as mesas de jogo, para encurtar o tempo.

Assim andaram os dois, por espaço de muitos meses, em verdadeira peregrinação á cata de casamento, quando, afinal, a sorte quis atendê-los e apareceu-lhes na forma de um elegante mancebo, que dias antes chegara de Pernambuco, sobraçando o pergaminho que lhe conferia o titulo de bacharel em direito. O dr. Alfredo sentiu-se cativo das graças de Paula. Aquela cútis morena e aveludada; os olhos dela,—duas bolas d'ônix engastadas em amêndoas de jaspe, sombreadas por longos cílios sedosos;—os longos cabelos d'ébano, ondeando-se-lhe pelas espáduas de farta carnação; aquele bonito torso de opulentos seios na apojadura da juvenilidade;—tudo nela prendia-lhe o enamorado espírito em os laços duma paixão tão sincera quanto profunda. Mas, sobretudo, o que mais o encantava, aquilo que mais o arrebatava a grandes êxtases gozosos, debuxando-lhe nos lábios um sorriso espiritualizado e prenhe de beatitude, eram os alvos dentes que perlavam as carminadas gengivas dela, quando Paula fitava-o sorrindo, com duas covinhas sobre as faces, bem junto ao rosto dele, como desejando magnetizá-lo.

Uma tarde, após haver contemplado os dentes da noiva por muitas horas, foi para casa com a alma perfumada pelo prazer e tão entusiasmado sentiu-se, que sentou-se á secretária e entrou a fazer uma poesia,— ele que jamais fizera versos!—uma poesia em que abundavam as palavras—sedutora virgem, divinal

espírito arcangélico, em uma terrível mescla de enormes pés quebrados, com grande escândalo das regras formuladas por A. Feliciano de Castilho.

Finalmente, chegou o almejado momento do enlace matrimonial.

Preparando-se a fim de ir para a igreja, Alfredo só pensava nos dentes da noiva, nesses belos dentes muito brancos e pequenos que tanto o encantavam.

E fantasiava um capricho, cuja lembrança era suficiente para lhe dar ao corpo agradáveis tremores e arrepios: a si mesmo prometia que o primeiro beijo que desse á mulher seria nos dentes, bem no meio da boca!

Afinal, aqueles dentes eram uma obsessão para Alfredo. Para qualquer parte que volvesse os olhos, parecia-lhe avistar os dentinhos de Paula sorrindo-lhe amoravelmente, incitando-o a uma tentativa agradável de roubo de um ósculo. O colete, que ele enfiava nesse instante, assumia a aparência de uma dentadura mordendo-lhe nos ombros, perto dos quais pulsava o coração, arfando em anelos. E, quando o padrinho apareceu entre as coiceiras da porta, para lembrar-lhe que já era tempo de ir para a igreja, estava tão abstrato da vida regular, tão concentrado em suas fantasiosas meditações, que abraçou-o comovido, murmurando:

—Que bela dentadura, que tens!

III

Na igreja e á ceia opipara que seguiu-se á cerimônia religiosa em casa do velho pai de Paula, durante a longa e—para ele,— enfadonha conversação subsequente na sala, sob a claridade dos muitos candelabros, Alfredo só pensava na dentadura da noiva, enterrado numa poltrona, com a fronte meditativa, que fazia os convidadas murmurarem baixinho, ao ouvido, com um sorriso eloquente por traz do lenço amarrotado na palma da mão, opiniões em nada favoráveis á sua reputação de sobriedade em assunto de suco de uva...

—Que te parece o gajo, hein?—diziam.—Pois isso é lá cousa que se faça? Embebedar-se no dia do casamento...

—Que escândalo!

—Grande c... O que ele merecia eu bem sei.

E seguiam por esta norma os comentários—todos resumando idéias gordurosas e indecentes.

Quando retirou-se o derradeiro convidado, Alfredo suspirou de contente, muito lisonjeado pelas felicitações que lhe foram feitas, com acompanhamento de expressivos beliscões pelos braços e nas gordas bochechas. Afinal, somente faltava-lhe descartar-se do velho sogro que, impassível como um abade após a ceia, fumava a um canto, afagando com amortecido olhar a fumaça do charuto, além de forcejar por combater a força dos vapores alcoólicos que lhe subiam ao cérebro, em razão do abuso que antecedentemente fizera das bebidas, á mesa, quando brindara, com exuberante veemência de gestos e linguagem, ao chefe político do partido e ao Manoel do Rosário, o comerciante que não trepidava em tomar-lhe dinheiro a juros de 30%, nas ocasiões de aperto...

Que ele, Alfredo, devia, e com muita razão, sentir a impaciência espicaçar-lhe as costas,—ponderou de repente o sogro, sorrindo malicioso;—que não se enfiasse, porém, visto como ainda lá estava na alcova a madrinha de Paula, a preparar-lhe a *toilette*. Era natural aquilo tudo, ele bem sabia como eram essas coisas, porque também por elas havia passado... Que bom tempo aquele e que bela noite de himineu ele tivera nos braços da sua Sancha, uma odivelense tentadora como um demônio formoso!... Coitadinha! quantas saudades lhe fazia a evocação da memória da esposa! Como tinham vivido felizes, numa pacata amizade inalterável, abundante em amorosidades agradáveis e intermináveis! Que ele, dr. Alfredo dos Anjos, devia tratar de imitá-lo, para fazer a felicidade daquela criaturinha inocente e sem defeitos físicos ou morais que daquele dia em diante devia ser sua mulher. Que a poupasse, que lhe não desse trabalho em demasia para não a fatigar: o dote dela unido ao dinheiro que ele tinha, poderia proporcionar-lhes uma existência descuidosa nos braços duma indolência salutar propicia á gordura...

E entrava em demoradas considerações a respeito da boa vida,—como sectário da vadição, que era.

Apareceu nesse instante a madrinha, despedindo-se logo, pretendendo recolher-se ao quarto que lhe fora destinado para passar a noite em casa dos noivos.

Alfredo não quis ouvir mais: ergueu-se de salto, deu um abraço ao velho e correu á alcova pensando sempre, cada vez com maior insistência, nos belos dentes de Paula.

IV

A alcova nupcial na manhã seguinte ao dia do casamento.

Pela janela deixada entreaberta, um raio de sol penetra na peça e vai beijar as rosas de varias cores que, emergindo de grandes jarros de porcelana, pendem as frentes fanadas, receosas de se mirarem aos espelhos, como invadidas por um pudor, em razão dos amorosos ruídos que durante a noite inteira saíram, por intermitências de longos sossegos, daquela cama honestamente encoberta pelos discretos refolhos das cortinas cerradas. Ao longe, no quintal, galos cantam alegremente, cumprimentando o sol e fazendo a corte ás galinhas, que cacarejam esgaravatando o chão.

E um como eflúvio de ventura evola-se pelo aposento...

E a luz da lâmpada de vidros foscos diminui de intensidade, bruxuleia palpitante, ameaçando extinguir-se...

Em cima da cômoda, a grinalda de flores de laranjeiras oculta-se mais debaixo do lenço de custosa cambraia, como envergonhada, ou como enxugando nele as lágrimas que o espírito da Pureza houvesse porventura derramado sobre suas pétalas inodoras...

Aos pés da cama, perfilados sobre a fina alcatifa azul, os pantufos de seda branca escancaram as cavas, numa expressão de aborrecimento pela demorada imobilidade, numa expressão de apelo aos pés que devem calçá-los.

De repente sai do leito um suspiro mais profundo, o bocejo de quem desperta. E o cortinado descerra-se um pouco, para dar passagem ao jovem noivo, em cujos lábios se desenha um franco sorriso de satisfação íntima. E lá dentro, na meia sombra que as rendas projetam, dorme ainda a formosa Paula, semi-nua, no inconsciente despudor de um sono que foi agitado...

Alfredo olha para todos os lados, muito contente e risonho. Ao ver o raio de sol que beija-lhe as plantas, estremece de júbilo, gozando a sua ventura num devaneio de grande felicidade por vir... Mas de súbito, estarrecido, confuso, muito pálido e crispando as mãos, entra a tremer todo, com as feições demudadas, os cabelos arrepiados na cabeça incandescida!

Á cabeceira do leito, sobre o elegante gueridon de jacarandá, estava uma dentadura patenteando um céu de boca postiço e acinzentado, feito de massa!...

E aquela monstruosidade era de Paula, ele bem a conhecia pelos pequeninos dentes iguais e perfilados corretamente...

Então, sentindo enormes dores em todo o ser, com o espírito prostrado pela emoção violentíssima, Alfredo cambaleou, soluçando, e foi cair á beira do leito, lavado em lágrimas, a murmurar num gemido:

— estou roubado, estou roubado!

RIO ABAIXO

Ao dr. Gaspar Costa

A canoa seguia mansamente, per si só, impelida pela correnteza.

Sentado á proa, fumando num cachimbo de longo taquari, o caboclo fitava com o olhar indolente os altos e esguios açazeiros e as longas folhas das bananeiras dum verde-claro alegre, beijados pelos últimos raios do sol, que escondia-se por traz da ilha das Onças.

Na popa, debaixo duma tolda de palha d'ubim, estava o senhor moço, abanando-se com uma ventarola de penas vermelhas, ao lado da senhora moça, que espreitava para fora, por um dos pequenos postigos laterais. A seus pés, dormitava o cão Mururé, com um pedaço de língua escarlata caída para o lado esquerdo, entre os dentes meio visíveis.

O cheiro acre da maresia saturava a tolda. Periquitos gritavam nos matagais da ilha próxima; cantos sonoros de pássaros chegavam até á embarcação, numa suavidade docemente melancólica, que fazia sorrir de alegre ternura os dois viajantes.

—Que bonita paisagem, Antonio!

—É certo! Razão tinha eu dizendo-te que gostarias imenso da viagem.

—Quando chegamos ao sitio?

—Ás 9 horas, isto é, daqui a três ou quatro.

—É pena chegarmos tão cedo!

—Dizes bem: vamos tão contentes...

E beijaram-se num ímpeto de prazer extraordinário.

O caboclo, que, por acaso estava a olhar para eles desde alguns momentos, voltou o rosto, embaraçado, sentindo queimar-lhe as tostadas faces um ardor de sangue equatorial em ebulição. Puxou do cachimbo demorada fumaça, para tranquilizar-se.

Os outros, os dois recém-casados,—porque Antonio e Luiza eram noivos: tinham-se matrimoniado quinze dias antes,— experimentavam, debaixo da tolda, uma sensação de inefável bem-estar ao verem-se naquele majestoso

sossego, sobre o Tocantins, dentro da embarcação. Felicitavam-se mutuamente,—com o olhar cheio de carícias,—por haverem podido esquivar-se á vida agitada que levavam em Belém, sempre rodeados de visitas, cujas conversações banais, nulas, pouco interesse lhes davam. Mas agora,—como iriam viver felizes durante aquela quinzena de fuga, em a tranquilidade bucólica da roça, sozinhos, passeando sem companheiros importunos, ao longo do rio, tirando caranguejos da lama, lavando reciprocamente as mãos na água azulada e murmurosa dos igarapés!... E que festas fariam á hora do jantar, comendo peixinhos pescados por Luiza, e pacas, roliças de gordas, caçadas pelo Antonio nas matas do sitio?!...

Sugeridas pelo sopro de sossego que parecia rodeá-los no meio do rio, estas idéias levaram-nos a conversar animadamente, risonhamente, sem atenderem a que o sol não mais vibrava os látegos luminosos no dorso da corrente, e que, portanto, poderiam sair para o centro da canoa, afim de gozarem da viração fresca e cheirosa que agitava num movimento descompassado as velas mal colhidas ao mastro.

Sempre assentado á proa, fumando sempre no cachimbo de longo taquari, o caboclo olhava agora para o poente, como confidenciando mentalmente com o sol, que deixara um rastro avermelhado no céu, onde agrupavam-se em desordem nuvenzinhas cor de nácar, violetas, azuladas, plúmbeas, cor de perola. Do lado oposto, levantava-se a noite, num andar manso, matemático, extinguindo a pouco e pouco o crepúsculo bruxuleante.

O gorjeio dos pássaros cessara na ilha das Onças, que já tinha ficado atrás, a longa distancia; só chegavam á canaã os compassos em andante do canto de um carachué que saudava a noite duma pequena ilha, rente á qual passou a embarcação.

—Vê aí no meu relógio que horas são, José, ordenou Antonio ao caboclo.

—Seis e trinta e oito, senhor.

—Oh! então saíamos daqui, filha, vamos tomar fresco.

Vieram para fora.

Luiza soltou uma exclamaçãozinha, sonora como um soneto de Paulino de Brito, engraçada como uma sátira de Julio Cezar, com a sua voz dum timbre argentino como um filete de água morna caindo numa banheira de ouro lavrado:

—Ah!—fez ela.

E deixou-se ficar de pé, encostada ao ombro do marido, extasiada, em frente ao pitoresco panorama que apresentava-se-lhe aos olhos.

Largo em aquele sitio, achamalotado pela brisa, o rio abraçava numerosas ilhotas rasas, cobertas duma vegetação opulenta, que esbatia-se nuns tons escuros, quase indecisos, no limite do horizonte. Um sossego de tabernáculo reinava por toda a parte, sob o azul ferrete do céu, onde as estrelas começavam a cintilar como as pedras preciosas dum manto de rainha antiga. Nem uma nuvem ocupava nesse instante um espaço do firmamento. Ao longe, á direita da terra firme, tremulava uma pequena luz. A água do rio, no fim da vazante, esgueirava-se pelo costado da canoa num murmúrio dolente. A súbitas, na solenidade do silêncio, ressoou um grito de ave noturna.

—Acende a lanterna, José,—disse Antonio ao caboclo, que obedeceu logo, voltando depois á sua posição habitual na proa, fumando.

Antonio e Luiza tinham-se assentado sobre a mala que havia no centro da embarcação, entre dois paneiros de farinha sobrepostos, e uns grandes jarros com roseiras floridas.

Como tivesse refrescado o vento, Luiza sentiu frio, estremeceu. O marido foi á popa buscar um chalé, cobriu-lhe com ele os ombros, conchegando-lho muito ao pescoço, amoravelmente.

Depois sentou-se ao lado dela. Era profunda a escuridão. Do lugar em que achavam-se, apenas viam na proa um ponto vermelho como um carbúnculo: o tabaco a arder no cachimbo do caboclo. Este se tornara invisível na densidade das trevas.

Antonio e Luiza sentiram-se bem naquela solidão: entraram a conversar baixinho, muito unidos, de mil cousas que lhes compunham o passado de tão agradáveis recordações. Era para ambos uma inarrável felicidade poderem pairar, assim a sós, das peripécias do curto namoro, dos longos anos que ele passou a amá-la silenciosamente, das emoções e impaciências do dia do casamento, quando aproximava-se a hora em que o pároco de Sant'Ana teria de uni-os.

Soltavam risadinhas indiscretas, acariciavam-se com amor, com delicias, numa excitação dos sentidos. Um movimento instintivo,—inconsciente, talvez; cheio de afeto e volúpia, com certeza,—uniu-lhes os lábios num prolongado beijo de paixão, vibrante como um coro juvenil.

Ouvindo-o, o velho caboclo estremeceu, mudou de posição.

Pôs-se a pensar nas passadas e saudosas épocas da sua felicidade, fruída com a finada mulata, a quem tanto queria, no meio da vegetação selvática e cheia de grandiosidade das florestas amazônicas...

E um suspiro profundo, traduzindo uma saudade dolorosíssima, respondeu aquele beijo nascido de duas bocas amantes no silêncio de tão linda noite paraense.

Entretanto, a canoa seguia mansamente, rio abaixo, impelida pela correnteza.

NOITE DE FINADOS

A Manoel P. de Carvalho

O cemitério de Santa Isabel estava cheio de visitantes, todos vestidos de preto, caminhando compassada e vagarosamente por entre as sepulturas. Eram oito horas da noite sob um céu trevoso como a tristeza daquelas pessoas que ali se recordavam com saudades pungitivas dos parentes e amigos para sempre ocultados debaixo da terra, sobre a qual compridas filas de velas acesas lançavam uma claridade intensa, que ia esbater-se ao fundo, na escuridão do matagal.

O ar estava impregnado do perfume das flores —piedosamente depositadas em cima das sepulturas por mãos amigas,— e do cheiro místico da cera queimada.

Ao longe, á direita da ermida, uma banda de música executava plangentemente uma funeralsca marcha em tom menor, cujas maviosidades lúgubres faziam suspirar as velhas beatas,—aspirando a uma outra vida desconhecida, além daquele firmamento negro, no lugar onde a onipotência incondicional da Divindade lhes parecia dominar em toda a sua majestade.

Entretanto, de espaço a espaço, grandes ondas de povo invadiam o cemitério. Este, aquela hora, mal podia contê-las; por isso, as pessoas que receavam um atropelo, saíam enfadadas, murmurando indecências.

Á porta, do lado exterior, cocheiros desbocados conversavam livremente com as pretas sentadas em frente das bandejas de doce alumiadas pelas lanternas que estavam sobre a baeta encarnada. Mendigos repelentes, de vestes sujas e mal cheirosas, plangiam súplicas, tentando demover em seu favor a caridade dos visitantes piedosos.

Alguns vadios encostados a um rico mausoléu de mármore assestavam olhares torpemente libidinosos ás moças que entravam seguidas de suas mães, num andar assustadiço e saudando um ou outro conhecido com um meneio de cabeça. Mais adiante, num canto escuro, uma roliça mulata, com o vestido muito decotado, murmurava amabilidades a um preto de fisionomia horrenda empertigado num fato novo e com a cabeça coberta por um descomunal chapéu alto. Como contraste, não muito longe, estava uma senhora pobrememente trajada, com os cotovelos pousados á grade ferrugenta duma sepultura mal alumiada por duas velas em castiçais de vidro.

Dos olhos dela, que estavam fixos em uma coroa de perpetuas roxas, corriam lágrimas, que das faces resvalavam-lhe para as delgadas folhas do capim que vegetava entre as juntas dos azulejos desbotados...

Era sem duvida alguma viúva que pagava á memória do finado marido alguns anos de amorosa e suavíssima coabitação na terra...

Á esquerda, contemplando uma fitografia em miniatura encerrada em negro caixilho e suspensa ao centro da cruz duma sepultura pequenina e toda coberta de jasmíns, trevos, japanas e madres-silva, via-se uma senhora de cabelos grisalhos, imóvel, calada—como evocando passadas cenas de prazer—sem ouvir as plangências da orquestra, que prosseguia no funeral tristonho...

O céu, no entanto, enchera-se duma luz suave e esbranquiçada. Grandes nuvens escuras retalhavam-se no azul-ferrete do firmamento, para as bandas da cidade. Um vento frio e murmuoso como um soluço d'almas penadas fazia farfalhar a mata próxima, causando arrepios de mal-estar ás supersticiosas moças que estavam no cemitério... Agora calara-se a orquestra.

Subira um pregador para um púlpito armado ao ar livre, sob uma árvore de grande coma sombria, e recitava em voz cavernosa e com largos gestos trágicos, uma homilia contristadora sobre a transitória felicidade mundana e a perene bem-aventurança celestial.

As mulheres,—mães, filhas, esposas,—que o ouviam, ficavam caladas, muito sérias, com os olhos grandemente abertos fixos em seu rosto bronzeado; no intimo, porém, no fundo da consciência, levantavam um brado de maldição aquela felicidade que lhes roubara a companhia dos entes queridos e amaráveis.

Um homem de cabeça encanecida, que vagueava levando pela mão uma criança de tenra idade,—um lindo e pálido orfãozinho,—voltou-lhe costas nervosamente, soluçando, e fugiu para junto de um pobre tumulo tranquilo, em cuja grade se lia este lancinante poema de uma só frase:—Á minha esposa...

No céu, as nuvens afastavam-se, evolavam-se como alegrias fugitivas ou prazeres expulsos, erguiam-se nuns grandes rendilhados fantásticos de miragens variadas.

A lua apareceu, como uma saudade enorme e cruciante, numa serena majestade tumular, que impôs vago sofrimento ao coração de todos. Os brandões e velas perderam o brilho, ficaram como pirilampos lantejoulando os sepulcros sob o luar diáfano, a cuja claridade continuava o pregador a recordar a onipotência de Deus.

Os bondes estacionados na praça encheram-se de passageiros. Minutos depois seguiam pela estrada da Independência, repletos de homens, de senhoras tristes, com fisionomias de sofrimento.

Chegando ao largo de Nazareth, apearam-se muitos homens. O largo estava iluminado festivamente, cheio de adornos alegres. Era aquela noite a penúltima da festa anual.

Então, os mesmos homens que estavam rendendo há poucos minutos uma saudade á memória de um amigo, dum irmão, dum pai, desciam agora ao centro da festa popular, procuravam as conversas ruidosas, invadiam as casas de jogo,—propelidos pela fascinação demoníaca e terrível da roleta!

QUE BOM MARIDO!

A Juvenal Tavares

“Não desejarás a mulher do teu próximo”.

MANDAMENTO DE DEUS.

Havia já três anos que estavam casados. Não tinham filhos. Viviam felizes, tranquilos, na sua casinha da estrada de S. Braz, de frente pintada a cal, onde o sol da manhã brincava alegremente numas cintilações que davam a nota de grande prazer interno ao passeante que para ela dirigisse escrutador olhar.

Ele era um velho quarentão, amanuense de secretaria, obeso, rubicundo, de rosto espalmado e barbas hirsutas e grisalhas. A mocidade que tivera,— tempestuosa e poída nas orgias,— encanecera-lhe completamente os cabelos da cabeça, os quais desciam para o rosto, onde cruzavam-se numerosas rugas sobre a pele cor de ginja.

Ela tinha dezoito primaveras,—para me servir v velha expressão do romantismo;—ostentava uma carinha faceira, risonha, de olhos pretos e marotos. Tez morena e aveludada. Um sorriso excitantemente encantador descerrava-lhe os lábios vermelhos, mostrando duas filas de dentes mais alvos do que os de um cão da Terra-Nova. O corpo, flexível como a haste da angélica, era ágil e dotado de sedutores meneios, que impressionavam bem profundamente a mais de meia-dúzia de gamenhos vadios,— desses namoradores enfatuados que abundam por toda a parte.

O seu regime de vida era, invariavelmente, este: de manhã, ás 8 horas, depois do respectivo e parco almoço, o sr. Bonifácio escovava com a manga da sobrecasaca o solene chapéu alto, dava um chocho á mulher e saía para a repartição com o passo do empregado público:—impassível e cadenciado.

Elvira acompanhava o esposo até á porta da rua, fazia-lhe uma pequena caricia e voltava á varanda, afim de dar algumas ordens acerca do jantar. Dispostas as coisas para a segunda refeição, ia sentar-se á máquina de costura, que dava-lhe não diminuta receita para as despesas diárias. O ganho desses trabalhos e os vencimentos do sr. Bonifácio formavam uma soma bem razoável todos os meses, a qual lhes permitia de tempos a tempos o luxo dum camarote no teatro da Paz e um passeio a bonde em noites de luar, um vestido novo para o círio de Nazareth, algumas dúzias de pistolas e bixinhas na festa de S. João e mais outras regalias, que alegravam o gorducho amanuense e forneciam á encantadora esposa dele ensejo de satisfazer a sua natural vaidade de mulher bonita e nova.

Como acontece algumas vezes, a virtuosa esposa do sr. Bonifácio tinha seus adoradores,—rapazes toleirões, aos quais ela, diga-se a verdade, não ligava muita importância. Entre esses moços, quem mais assiduamente a requitava era um tal Jacinto,—um leão conquistador que falava pelos cotovelos, muito tolo, ignorante de tudo, exceto da arte do namoro atrevido. Este Jacinto apaixonara-se por Elvira poucos dias depois do casamento dela, por ocasião dum passeio a Benevides. Desde essa época, o pobre namorado sem ventura passava todas as tardes pela casa do Bonifácio, quando Elvira ia para a janela, enquanto o marido, na varanda, jogava o solo com o taberneiro da esquina e o vizinho da direita. Ao passar em frente a Elvira, enviava-lhe um sorriso e um cumprimento. A esposa do honrado amanuense retribuía a este último e conservava-se muito séria, muito digna, sem corresponder aquele. Passavam os dias, passavam os meses, e Jacinto era pontual á entrevista, na qual Elvira já parecia interessar-se, pois que também não deixava de ir para a janela assim que, lá na varanda, o sr. Bonifácio, o taberneiro e o vizinho começavam no passo e no bolo. É que a interessante senhora tinha um espírito ardente, pantasista, que não pode se contentar com os sós afagos morosos e frios do velho Bonifácio. Não obstante, nenhum passo mau desejava dar. Entregava-se aquilo a que chamava "uma distração", mais para satisfazer uma vaga curiosidade do que para cometer um crime.

Jacinto não era um homem que perdesse a paciência. Assistia tranquilo a esse desperdício de tempo, convicto do axioma que reza: "Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura." Tinha confiança no futuro, que resolveria, com vantagem,—aquele interessante problema de amor.

Uma tarde,— era em meados de junho, passou o Jacinto, deveras admirado por ver que a sua querida não estava á janela. Olhou para os dois lados da rua e não enxergou ninguém. A estrada de S. Braz apresentava a aparência de um velho cemitério abandonado: nem um só vivente se via.

Constrangido, dispôs-se a continuar, quando avistou uma rapariguinha mulata, que saía da casa do sr. Bonifácio. Correu a ela e perguntou:

—Onde está a d. Elvira, minha filha?

A mulatinha fitou-o espantada e, curvando a cabeça para o peito, meteu na boca o índice da mão direita, conservando-se calada.

—Vamos, fala, toma um tostão... Onde está a d. Elvira?—insistia o leão fazendo escorregar um níquel para o seio da pequena.

Esta, ao sentir o contato da moeda, lembrou-se dos rebuçados da freguesa e disse, ainda meio acanhada:

— está lá dentro...

— e o sr. Bonifácio?

— Saiu.

— Dou-te outro níquel se fores levar uma carta á tua senhora, queres?

— eu quero...

Jacinto tirou do bolso uma carta que escrevera havia muito tempo e que, por cautela, não datara nem assinara. Entregou-a á mulatinha e conjuntamente outro tostão.

Depois seguiu pela estrada adiante.

Elvira não deu resposta aquela carta, que lhe revelara o grande amor que por ela sentia o Lovelace paraense. Este não desanimou: deixou de passar pela estrada de S. Braz durante dois dias, após os quais voltou, seguindo pelo passeio, rente á janela. Sacudiu-lhe ao colo nova epístola. Repetiu o mesmo jogo por uma semana. Finalmente, Elvira não pôde resistir mais, mandou-lhe uma carta toda cheia de temores, toda receosa, na qual confessava que o Jacinto não era-lhe indiferente, mas que devia abrir mãos aquele amor, porquanto a sua "posição de mulher casada não lhe permitia tão gratas liberdades."

D'então em diante, apesar desses receios continuaram as cartinhas a passar dos bolsos do Jacinto para o seio d'Elvira e do seio desta para os bolsos daquele. É que houve uma tarde em que Elvira entrou a confrontar o físico do sr. Bonifácio com o de Jacinto. Esse confronto e as reminiscências de muitas leituras românticas deram causa á correspondência criminosa.

Havia já alguns meses que o amor dos dois não tivera outras expansões além daquelas missivas platônicas. O temperamento de Jacinto era mais exigente.

Uma tarde de dezembro, o sr. Bonifácio descia do bonde em frente de casa, de volta duma visita que fora fazer a seu chefe de seção. Transpondo o limiar da porta, encontrou a mulatinha que saía apressadamente, escondendo mal entre as dobras do vestido um objeto que atraiu-lhe a atenção de velho curioso.

— Que levas aí? — perguntou.

—Não é nada...—respondeu a rapariga nessa voz cantada peculiar aos paraenses.

—Não mintas! Eu vi não sei quê!—bradou o sr. Bonifácio puxando-a pelo braço e apoderando-se do objeto.

Era um bilhete. Abriu-o, assestou-lhe os óculos e leu:

"Meu amigo, depois de amanhã, á meia noite, meu marido vai ouvir a missa do galo em Sant'Ana. Finjo-me adoentada para ficar em casa, afim de conversar consigo e saber d'essa novidade que prometeu contar-me. Venha á 1 hora. Acautele-se bem; que ninguém o veja.

ELVIRA."

O Bonifácio subiu ao arame; ficou da cor da púrpura e sentiu uma violentíssima dor de cabeça. Teve ímpetos ardentes de ir assassinar a esposa infiel; refletiu, porém, e socorreu-se dum alvitre que lhe apareceu a súbitas no espírito com rubros lampejos de sanguinária vingança.

—Toma, leva,—disse entregando a carta á rapariga.

E entrou.

Batem as 12 horas da noite de 24 de dezembro. Grupos folgazões de moços d'ambos os sexos passam pelas ruas de Belém em direção ás diferentes igrejas onde se deve rezar a missa do galo.

O sr. Bonifácio, que levantou-se á ultima pancada das 11 horas, sai para a rua, deixando em casa a mulher incomodada "com muita dor de cabeça..."

Á 1 hora, um vulto apareceu na esquina, aproximando-se a passos ligeiros até chegar em frente ao domicilio do amanuense Bonifácio. Era o Jacinto, que bateu pressuroso e baixinho em uma das janelas. Respondeu-lhe do interior um leve arruído. Jacinto estremeceu de contentamento, pré-gozando os prazeres que ia fruir na conversação de Elvira, quando subitamente exalou um grito, dando um salto para o lado.

Era o respeitável sr. Bonifácio, que saindo de traz da mangueira onde ocultara-se, desancava a bom desancar o peralvilho que tivera a lembrança de namorar-lhe a mulher.

Quando Jacinto saltou para o meio da rua, recorreu o sr. Bonifácio á pouca agilidade que ainda possuía e acompanhou-o, continuando a sová-lo fortemente, num a agitação febril...

O pobre rapaz gritava dolorosamente. Ninguém acudiu-lhe: todos os vizinhos haviam saído para a missa do galo.

Quando cansou, quando os braços negaram-se a continuar, o honrado amanuense, despedindo olhares terríveis para todos os lados, disse ao Jacinto, que achava-se por terra, com os ossos quase moídos:

—Vá-se embora, seu tratante e tenha mais juízo! Não torne a cair na asneira de namorar moças casadas!

E retirou-se para casa, a cuja porta entreaberta estava Elvira, transida de medo.

A "SERENATA" DE SCHUBERT

Ao dr. Augusto Meira

I

No seu pequeno quarto modesto de rapaz solteiro, João estava deitado na rede, lendo um volume de contos de Armand Silvestre, á luz branda de uma vela de espermacete. Nove horas soaram as cornetas da outra banda do Capibaribe, na Casa de Detenção, derramando pelo ar um sopro de tranquillidade imponente, que fazia os transeuntes apressarem o passo dirigindo-se aos respectivos domicílios. O vento norte, que vinha de Olinda, entrava na sala, e desta seguia para o quarto de João, agitando a luz dentro do *photo-mobile*.

Na invisível palpitação da brisa, entrou uma voz de piano vibrado na vizinhança. Fanático adorador da música, João fechou o livro e prestou atenção. Eram as primeiras notas da Serenata de Schubert, esse magnífico poema musical que ele amava acima de todas as composições! De um pulo, achou-se abaixo da rede, fora do quarto, ao balcão de uma das janelas do seu humilde terceiro andar. E encostou-se á grade, com o rosto descansado na mão direita, dispondo-se a ouvir a sua peça predileta.

Na rua, ninguém passava agora. Os revérberos alinhavam-se nos passeios, como estanhos guardas do sossego público. Um crescente de lua espalhava no azul-ferrete do céu, por entre multidões de estrelas tremeluzentes, uma diminuta claridade opalina, diante da qual fugiam mansos grandes montões de nuvens recortados em figuras indizíveis. E duma casa próxima saíam as vozes do piano, misturadas com a luz do gás que irrompia pelas janelas abertas.

Como todas as músicas sentimentais, a Serenata de Schubert possui isto de extraordinário: prende o espírito de quem a ouve, e leva-o ao centro da meditação tranquila e saudosa das grandes cousas passadas, e que são sempre, quer dolorosas quer alegres, um grato consolo para a alma.

Foi por isso que João, logo ao principio, deixou fugir um suspiro e, em seguida, a pouco e pouco, embrenhou-se na vasta floresta silenciosa e redolente dos seus antigos episódios de amores, quando, ainda no seu querido Pará, podia ver e ouvir quotidianamente a encantadora donzela que deve um dia ser sua esposa. Foi também por isso que o moço estudante de direito recordou-se,— e com quantas saudades!—da magistral execução que a sua noiva sabia dar ao primor do ilustre maestro alemão,—uma execução toda sentida, interpretando os mínimos segredos, com dulcíssimos murmúrios voluptuosos, que lhe davam melancolia ao espírito e suaves langores ao corpo.

Entrou João a imaginar que estava no Pará, ao lado de sua querida companheira, junto ao piano dela, no perfumado sossego da sala deserta, extasiado na audição daquela fantasia esplendida! E logo, por uma transformação imaginativa, o piano da desconhecida vizinha tomou aos ouvidos dele um som particular, íntimo, que o comovia todo, chamando-lhe duas lágrimas aos cantos dos olhos! E, por esta causa também, á sua alma pareceu ver desfilar nas pacíficas paredes da casa fronteira um tranquillo quadro do seu passado, o qual dera-lhe outrora tantos prazeres, e que tinha presentemente a expressão poética, porém saudosíssima, de uma tela de Watteau...

Esse quadro, ei-lo:

II

Era noite de Natal. Nove horas acabavam de soar no relógio da varanda. Um sossego inalterável e feliz pairava pela atmosfera da sala, onde a família estava reunida em grupo aprazível, ao fundo, em torno do sofá. Das ruas vinham pelas janelas abertas fortes sopros de brisas cheirosas e sons de guitarras fugitivas, dedilhadas por alegres grupos de transeuntes. A espaços, uma voz, um grito chegava até á sala, revelando que pela cidade havia quem passeasse, tentando festejar o aniversário do nascimento de Cristo.

Na sala a conversa era geral. Uma criancita formosamente encantadora sugava a extremidade de um tubo de mamadeira, sobre o colo de sua virtuosa mãe, a qual, suposto conversar com o extremoso marido, não afastava do rosto da filha os grandes olhos expressivos, flutuando num lago de ternura meiga e imaculável como um beijo maternal.

Contemplando este quadro rubenesco, João pensava nos santos prazeres do lar,— ele, que era um mísero órfão, um desgraçado paria do amor!— enquanto Dália, a sua querida noiva, sentada junto a ele, falava-lhe compungida acerca de uma infeliz mulher que, pela manhã, recebera de suas pequeninas mãos benfazejas, roupas e sustento para os filhinhos. E dominando a todos, no meio do sofá, com a expressão suavíssima do rosto espiritualizada por um sorriso que venerandamente lhe frisava os lábios, o velho Antonio, de cabelos e longas barbas sedosos e brancos, dirigia-se ao filho mais moço, ao Theodoro, aconselhando-o ao trabalho honrado, apontando-lhe como exemplo a seguir várias cenas a que assistira em sua passada vida comercial.

Uma exalação de virtude emanava daquele grupo: revelavam os rostos a tranquillidade invejável de quem vive contente com a sorte e depõe muitas confianças no futuro.

De repente, num silêncio entre duas pontas de dialogo, uma voz ergueu-se da rua, fazendo-se acompanhar por uma guitarra:

*Folguem todos nesta noite,
Venha a festa sem igual:
—Hoje em nada se repara,
Porque é noite de Natal.
Hoje em nada se repara,
Porque é noite de Natal.*

E a guitarra chorava em tom menor, fazendo coro ao ritornelo. A voz de um agradável tenor prendeu logo a atenção dos que estavam na sala:

*Esta noite abençoada
Pertence aos que têm amor;
No presepe bethlemita
Veio ao mundo o Deus-Senhor.
Novo ritornelo choroso na guitarra.*

*Por isso, moços e moças,
Entregai-vos ao prazer,
Enquanto não vem a idade
Vossa frente encanecer!*

Terceira e ultima plangência melancólica desferida na guitarra.

Aos derradeiros versos, o velho Antonio levantara a cabeça, numa energia de movimento, com as narinas aflantes, os anéis da cabeça tremendo-lhe sobre os ombros.

—Tolo!— exclamou, referindo-se ao cantor, cuja voz perdia-se agora ao longe, na extremidade da rua.—Pois que venha cá, a ver se os velhos não têm amores e prazeres!.. Que venha presenciar a este quadro e me dirá ao depois se eu não amo as minhas queridas filhas, o meu bondoso Braga, o meu Theodoro e á inocentinha que aí dorme sob as bênçãos do meu olhar!..

Um soluço gemeu-lhe no peito: Dália ergueu-se, radiante como a encarnação do carinho e, muito piedosa e pura,—qual um raio de sol iluminando a face de uma estatua antiga,—foi beijar amoravelmente a fronte do ancião...

Que não se afliesse, pediu-lhe afagando-o;—que não desse importância a semelhantes asneiras. Todos sabiam perfeitamente com que intensidade ele amava a família, e que suaves prazeres tirava desse amor. E demais, aquela

noite era de festa, como dissera o desconhecido cantor, não valia a pena entristecer-se...

—Para o lado os pesares!—terminou sorrindo.—Como distração agradável a todos, vou tocar ao piano a Serenata de Schubert.

Já se tinha João levantado, prevendo este desfecho: correu ao piano, abriu sobre a estante a música desejada e, acendendo as velas, sentou-se ao lado do banquinho, que Dália veio ocupar.

III

E começaram então as primeiras melodias da Serenata.

João cerrou os olhos, extasiando os sentidos na audição da formosa peça, tão bem executada pela donzela cuja alma eminentemente artística compreendia os segredos de poesia que a música de Schubert encerra. Uma figura, ao principio flutuante e indecisa, mas que logo tomou relevo, aparecendo em primeiro plano, desenhou-se na tela da imaginação do moço. E surgiu então um jovem de bandolim em punho, debaixo dos balcões floridos de um elegante castelo, que se erguia a meio de uma paisagem germânica, onde os robles farfalhavam á borda dos lagos tranquillos, sobre cujas superfícies grandes garças deslizavam elegantes, ruflando as brancas penas em donosa majestade. E a voz a ele era meiga qual um canto mágico de iara amazônica, sentida como uma recriminação paternal, doce como um beijo apaixonado. De seus lábios cor de papoula destilava-se o mel da música de Schubert, que ia cair com uma suavidade de balsamo sobre a alma enamorada de uma jovem castelã formosa, oculta entre os refolhos das colgaduras das janelas! A voz do amoroso trovador tinha um não sei quê de melancólico, um tal cunho de poesia dolente, que João emocionou-se tanto em face do quadro que a sua imaginação lhe descrevia, que não pôde deixar de cantarolar baixinho, com um meio sorriso, acompanhado pela correta e sentida interpretação de Dália:

*"O Châtelaine,
Entend ma peine!.."*

.....
.....

Dália executou o morendo final da Serenata. João acordou da sua *rêverie*, erguendo os olhos para a pianista, em cujo rosto simpático bailava um risinho engraçado.

De pé, encostado ao piano, estava o venerando Antonio, com o semblante iluminado numa expressão de inefável ventura. Dos lábios entreabertos parecia

escapar-se-lhe uma benção muda, que se completava pelo gesto das mãos erguidas e espalmadas no espaço!.. Era o pai a abençoar o futuro feliz dos filhos idolatrados!

IV

Estava neste ponto a saudosa recordação do moço estudante, na janela do seu modesto terceiro andar de uma das ruas do Recife, quando o piano da vizinha desconhecida gemia também o adorável remate da Serenata.

João sentiu-se comovido por aquela música inspiradíssima, que lhe avivara tão grata lembrança de seu venturoso passado,—agora que ele estava ausente do querido solo natal, onde moravam todos os que possuíam-lhe a flor do afeto. Ergueu os olhos ao céu, numa necessidade de soltar livremente o espírito pela amplidão infinita do vácuo. No firmamento azul tachonado de louras lucilações, o crescente de lua vogava para o ocaso como uma alegria fugitiva; pequeninos flocos de nuvens seguiam, muito calmos e etéreos, pelo espaço adiante, projetando sombras cinzentas sobre o calçamento da rua. Da margem oposta do Capibaribe, uma voz de soldado ergueu-se bradando—alerta!—á sentinela.

Então, por um impulso de agradecimento, o espírito de João partiu pelo infinito a fora, chegou ao Pará, atravessando a cidade, e foi ajoelhar-se piedoso á modesta pedra gradeada que sela o tumulto venerando de Antonio, o estremecido pai de sua noiva.

DESILUSÃO

A Fontes de Carvalho

A sra. d. Joaquina era uma dessas impagáveis solteironas, que vivem sonhando amores e descobrindo tímidas paixões nas palavras alegremente zombeteiras dos moços que fingem cortejá-las por distração.

Tinha ela a tez,— enrugada e mole como a casca do jenipapo maduro,— salpicada dessas manchas amarelas a que chamam sardas; encobria-as, em parte, com grandes e repetidas camadas de pó de arroz, comprado sempre na Loja Mariposa, da qual o co-proprietário Afonso,—o simpático Afonso,—vendia-lho com muita dose de reclames e chamadas de atenção para a superioridade da fazenda.

Usava uns vestidos fora da moda, mal feitos, com algumas nódoas, nos quais primavam os enfeites vistosos,—uma garridice da sra. d. Joaquina.

O rosto dela denunciava 45 anos bem seguros entre os refegos da engelhada epiderme,—posto que os cabelos, pretos e lustrosos como a cara suada dum negro de Minas, mostrassem porventura uma prova de menos idade.

As pessoas que viviam mais intimamente com ela murmuravam frases pouco lisonjeiras para os seus brios de "senhora bastante apresentável e digna do direito de aspirar a um bom casamento"—como ela pensava e dizia mui confidencialmente a certas amigas particulares.

Sempre houve maledicentes no mundo (salve a chapa!): foi por isso que uma dessas amigas, tendo tido uma altercação com ela, retirou-se de seu trato íntimo, e espalhou pelos conhecidos a noticia de que a nossa personagem pintava os cabelos, que, se não recebessem quotidianamente os respectivos afagos da esponja embebida em tintura, já deveriam estar sofrivelmente russos, quando não grisalhos. Parte dos ouvintes duvidou, supus equivaler aquela afirmativa a uma intriga motivada pela recente inimizade; a outra parte acreditou, naturalmente.

A sra. d. Joaquina possuía uma educação medíocre, apenas suficiente para conhecer os seus deveres de "moça solteira", quanto á educação moral; quanto á intelectual, lia com desembaraço e alguns tropeços prosódicos as cartas repassadas de sentimentalidade de dois ou três namorados que tivera antigamente.

Eram essas leituras um desopilativo benéfico para o seu *spleen* de senhora entrada em anos e votada á lastimosa condição de tia. Ai! A pobre d. Joaquina

lastimava-se com tristeza de não haver em sua mocidade casado com o Guedes, o ferrageiro abastado, que se apaixonara loucamente por seus encantos, quando estes, ainda que em pequenina quantidade, escudavam-se nuns vinte e dois anos de existência. Ela não aceitara o amor dele, sonhando desposar um jovem barão, muito rico e elegante, como um que conhecera num romance do insípido Ponson du Terrail. O barão, porém, nunca apareceu. Agora era tarde para remediar o mal: o Guedes, num momento de lúcida reflexão, resolvera viver em calmo e econômico celibato, apenas conservando em casa a Belisária, cozinheira, mulata gorda como um cevado, a qual ministrava-lhe afagos cheios de faceiros quindins, nas horas de amor, e boas tortas de camarões seguidas de compotas de delicioso bacuri, á sobremesa.

Dos outros ex-namorados a sra. d. Joaquina jamais tivera informações exatas, depois que por espontânea vontade os desenganara. Dizia-se vagamente que um fora negociar ao rio Madeira, donde nunca regressou, talvez pela sedução de alguma iara encantadora. Do outro constava apenas que partira para seu país natal,—Portugal,—afim de ir saborear á lareira, nos longos serões de inverno,—quando o suão sibila em as grandes chaminés enegrecidas,—os suculentos nacos de paios da Beira,—daqueles paios tão glotonamente decantados pelo ilustre poeta João Penha.

Por essa arte, achava-se a sra. d. Joaquina em disponibilidade, e, a dizermos tudo, deveremos acrescentar que alimentava agora umas secretas e dulçurosas esperanças de cativar o rebelde coração do Francisco da Natividade, o elegante dono duma das melhores lojas da rua dos Mercadores. Este, porém, parecia não partilhar das mesmas intenções, porquanto ouvia-lhe os suspiros langorosos sem estremecer, sem pestanejar, sequer, n'uma impassibilidade de múmia. Ela armava-lhe ratoeiras amorosas: mandava-lhe flores, fazia-lhe presentes de toalhas de labirinto e fronhas bordadas, temperava-lhe o café quando ele ia á casa da família dela, chegava-lhe fósforos acesos aos charutos, roçando os dedos nos dele, para mudamente lhe revelar a sua paixão.

Contudo, nada o comovia, e a sra. d. Joaquina rebelava-se intimamente contra o Francisco, quando, a sós, no momento de estender-se na sua fria rede de velha virgem, passava em revista pela memória todos os seus atos relativos ao bom andamento daquele amor.

Tal era o estado do coração da boa senhora na época em que o Natividade apresentou-lhe um sobrinho seu, recentemente chegado de Portugal.

A fina amabilidade do jovem lisboeta, duma elegância tão natural, atraiu as boas graças da digna solteirona, que logo simpatizou com ele. Em menos dum mês o Raul tinha em a sra. d. Joaquina uma amiga sincera, uma atenciosa admiradora do "seu caráter austero."

Ele, para retribuir-lhe as afabilidades, redobrava de cumprimentos, desfazia-se nas mais requintadas delicadezas.

Levada pelas erupções daquele seu coração vulcânico, ela começou a amar ao sobrinho, com o mesmo ardor com que pouco antes amara ao tio, o Francisco da Natividade. Cedo surpreendeu o bom moço as amorosas manobras da sra. d. Joaquina, e, julgando-o necessário, inteirou o parente sobre o afeto dela, para obedecer aos ditames do dever. Ambos riram-se muito da nova asneira da irrisória senhora.

Ou porque trouxesse de Lisboa os germens duma bronquite, ou porque, já no Pará, apanhasse alguma constipação, Raul adoeceu, ficou pálido, perseguido por uma pequena tosse, e uma tarde, após o jantar, sentiu uma sufocação, seguida de agudas dores na parte interna do tórax, as quais comunicavam-lhe com as omoplatas. Como tivesse vontade de cuspir, curvou-se a meio sobre uma escarradeira e expeliu um pouco de sangue vivo.

—Santo Deus, que vejo?!— exclamou o tio, assustado.—Já, um medico, depressa! continuou, a correr atônito pela sala...

O facultativo chamado receitou-lhe um medicamento adequado, que estancou o sangue, e retirou-se depois de haver feito duas ou três recomendações sobre o tratamento.

Raul melhorou: dormiu bem durante a noite. Na tarde seguinte, porém, teve uma verdadeira e forte hemoptisia. Lá foi o moleque chamar novamente o doutor.

Depois de auscultá-lo, e interrogar sobre a vida passada e climas em que habitara, o medico aconselhou-o a partir para Portugal assim que pudesse. Assoberbado por tão assustadora recomendação, o bondoso Francisco da Natividade tratou logo de mandar o sobrinho pelo paquete que do Pará saiu seis dias depois.

No momento em que Raul despedia-se da sra. d. Joaquina, esta, chorando verdadeiras lágrimas de dó e de saudade, tirou do bolso uma carta lacrada a vermelho e deu-a ao enfermo, dizendo-lhe:

—Tome, seu Raul. Guarde isto. Quando chegar a Lisboa, leia e faça o que lhe peço. Mas, antes não a abra, pelo amor de Deus!

—Sim, minha senhora... Os seus pedidos são ordens para mim... Adeus!

Chegando á cidade do Tejo, estava Raul num auspicioso pé de restabelecimento. Todavia, entrou a medicar-se com cuidado, resguardando-se de tudo quanto pudesse fazer-lhe mal. Estes úteis entretenimentos levaram-n'o a esquecer-se da sra. d. Joaquina.

Passaram os meses. Raul ficou curado: estava gordo e forte. Como os médicos lhe recomendassem que não viesse ao Brasil, tratou de procurar emprego no continente. Achou um, que pareceu-lhe agradável. Fez-se caixeiro viajante duma conceituada casa comercial, para ir fazer cobranças pelas províncias.

Na véspera do dia em que tinha de seguir para a primeira excursão,—ao Alentejo,— estava ele arrumando umas roupas, quando, introduzindo a mão no bolso dum paletó que só vestia em viagem, encontraram seus dedos um objeto qualquer. Tirou-o para a claridade e viu uma carta toda amarrotada e suja. Reconheceu-a logo: era a carta que lhe dera a sra. d. Joaquina.

—Ah! que esquecimento o meu!— exclamou.—Que juízo não terá feito a meu respeito a impagável senhora...

E, cheio de curiosidade, rasgou o sobrescrito.

"Meu bom amigo,—leu.—Devo dizer-lhe uma coisa, que há muito aflui-me aos lábios, sem todavia sentir-me com animo de fazê-lo: amo-o, amo-o, com todo o ardor de que é capaz o meu ardente coração! (Isto copiou ela do romance A Caridade Cristã, de Escrich,—pensou Raul). Peço-lhe que escreva-me logo, dizendo-me se fui por si acolhido o meu amor. (Aquele fui é que era genuinamente dela, só dela; o Raul bem o conheceu). Espero ansiosa a sua resposta, com a qual o meu amigo remeter-me-á meia dúzia d'AGUA CIRCASSIANA, para eu dar de presente a uma conhecida minha. Disponha sempre do coração de sua eternamente,—JOAQUINA."

Raul casquinou uma sonora gargalhada terminando a leitura daquele modelo de ortografia, propriedade de termos e sintaxe; mas, logo fez-se mais serio e:

—Ora bolas!—disse.—Só os cabelos encantavam-me, por serem tão pretos e lustrosos... E era falsa aquela cor d'azeviche!... Que desilusão!...

A CONVALESCENTE

Ao dr. Álvares da Costa

Estava pálida e triste, encostada levemente á grade do camarote, naquela noite de estréia.

Os seus olhos, negros como a seda que o seu delicado corpo vestia, divagavam pela platéia, indecisos, sem fixarem-se em ponto algum. Parecia uma dessas melancólicas personagens de George Sand, fantásticas e ideais, belas, todavia, mesmo na falsidade da sua criação,—vivificada por um mistério e conduzida aquela sala de espetáculo, onde ostentavam-se as formosuras das moças da moda e as austeras sobrecasacas dos burguesas, sob a intensa luz do gás.

E ela estava sempre pálida, encostada levemente á grade do camarote.

Nos lábios tinha ingênuo sorriso, que espiritualizava-lhe a expressão da simpática fisionomia.

Um engraçado diabrete, primo dela, brincava-lhe com o leque.

Quem binoculisasse aquele camarote, havia de sentir apoderar-se-lhe da alma uma comoção de piedade, tal era a melancólica tristeza evolada desse lugar, donde ela dirigia o seu negro, o seu profundo olhar para a platéia, cujo ambiente saturava-se mais e mais dos eflúvios de lindos lenços rendados, dos perfumosos lenços discretos das jovens damas...

E aquela encantadora criança que, sempre triste, encostava-se á grade do camarote, apresentava na pálida fisionomia os vestígios do sofrimento, que tanto a tornava simpática aos olhos da burguesia austeramente séria sob a luz intensa do lustre...

ALEGRIA GAULESA

A José Veríssimo

Enquanto esperávamos o almoço,—aquele almoço às pressas encomendado no mais que modesto hotel do Pinheiro, fomos dar um passeio pela mata, sob a sombra das grandes árvores copadas.

As senhoras haviam ficado na sala do hotel, aguçando o apetite no bom cheiro de refogado, que lhes chegava da cozinha.

O meu companheiro de passeio era um velhote de 50 anos, grande rosto quadrado, de longas suíças grisalhas em faces tostadas pelo sol da América.

Traváramos conhecimento no pequeno tombadilho da lancha que da cidade nos transportara ao Pinheiro.

Ainda não havia duas horas que nos conhecíamos, e já grande familiaridade se estabelecera entre nós,— essa familiaridade fácil, íntima, passageira, das pessoas que viajam.

Estávamos ainda a bordo, e já o meu simpático companheiro, sentado á amurada, contara-me ser francês, há muitos anos residente na província do Pará, onde tencionava ficar até ao fim da vida.

Sentia-me cada vez mais impulsionado para aquele sujeito cuja existência eu ignorava algumas horas antes, e que presentemente, por motivos que eu não tratava de saber, tão vivamente me atraía a curiosidade.

Quando saltamos para terra,— enquanto subíamos pela escada da ponte,— convidei-o para almoçar conosco, e ele aceitara rindo,—com um riso bonachão de quem é dotado de alma simples, sem duplicidade.

Fora ele quem me prepusera aquela excursão á mata, para darmos tempo a que o hoteleiro preparasse a refeição, que eu já previa frugal e triste, atendendo ás condições da terra em que nos achávamos.

Aceitei-lhe de boamente a proposta, com aquela vivacidade alegre de quem vive meses inteiros encadeado ao cepo do trabalho quotidiano e toma, de tempos a tempos, um belo dia para descansar um pouco, em a paz duma povoação de arrabalde, refestelando-se preguiçosamente na relva odorífera dos nossos grandes e soberbos matagais.

E fomos por ali fora, seguindo um carreiro sinuoso, por baixo de farfalhante cúpula de ramos coloridos de um verde-escuro admirável, cuja uniformidade era quebrada pelo vermelho vivo, pelo amarelo e pelo branco das varias flores silvestres, cujas pétalas encolhiam-se um pouco, meio-fanadas pelos raios do sol.

Um forte vento refrigerante e consolador vinha do norte, do lado por onde a vista se perdia no infinito, após o rio que fugia para o mar. O cheiro acre da maresia andava no espaço, casado ao perfume subtil e excitante da baunilha, cujas compridas favas pendiam dos escuros e velhos galhos daquelas árvores seculares. Pássaros voavam céleres, num brando ruflar de asas, soltando pequeninos gritos estrídulos e alegres. De momento a momento, a curta distancia de nós, lagartos cinzentos ou verdes fugiam assustados, fazendo estalar o folheto seco que juncava o solo. E lá muito ao longe, no alto, sobre pedaços de céu de um azul deslavado, que nós entrevíamos pelos interstícios das ramas, urubus recortavam-se muito negros, muito pacíficos e espalmados, nos seus vôos arredondados, pairando como numa contemplação enamorada da terra que os sustenta com suas putrefações, com seus resíduos infames e nojentos.

De repente, o meu companheiro disse-me:

—Sentemo-nos aqui. O sr. já deve estar cansado desta longa caminhada.

Não tinha a mínima acentuação estrangeira; falava como um verdadeiro paraense.

Alongara-se por cima de uma camada de capim verde pouco espessa, de braços, com o pescoço estendido e o grande chapéu de palha do Chile a descer-lhe para a nuca. Imitei-lhe o gesto, defronte dele.

Ficamos calados por alguns minutos.

Ele fitava o solo, com as narinas palpitantes, como sorvendo em longos haustos sensuais aquele bom cheiro acre e silvestre que a terra exalava.

Perguntei-lhe de repente, não achando outra coisa a dizer-lhe:

—O sr. é casado?

Fitou-me bem na menina dos olhos, com uma expressão investigadora de quem deseja conhecer o fundo do pensamento de seu interlocutor. Depois respondeu:

—Não... Fui... Agora estou novamente solteiro: sou viúvo.

—Ah!

—É verdade. Sou viúvo e tenho-me dado muito bem neste novo estado de quem vive sem as preocupações do homem casado, que tem uma família a sustentar. Bem tolo é quem se casa...

Calou-se, a mirar-se outra vez nos meus olhos.

Um pequeno sorriso enigmático frisava-lhe o lábio superior, traçando nas duas faces profundas rugas oblíquas que, nascendo das azas do nariz, partiam a perder-se nos longos fios grisalhos da parte inferior das suíças.

Eu não compreendia bem o que diziam aquelas palavras, assim sublinhadas por semelhante sorriso.

Ele pareceu-me haver adivinhado a minha dúvida, porque disse, apertando-me as costas da mão direita, como para chamar para si toda a minha atenção:

— está curioso, não? Quer talvez saber quem seja esta velha ave de arribação que vive no seu país e que tanta alegria traz sempre no coração, no rosto,—nos lábios e no olhar? É uma história muito longa a minha, meu caro senhor. Sou muito franco: deseja ouvi-la? Não perderá nada com isso; pelo contrario, creio aproveitará alguma coisa com a moral que tirar das minhas palavras, depois de me dar toda a razão nos atos que pratiquei. Logo que me ouvir, o sr. verificará que é muito certo o rifão: Tristezas não pagam dividas, e adquirirá a certeza de que, neste mundo, o melhor meio de se gozar saúde e viver tranquillo, é ter o coração calmo como a bonança e grande como a barriga do desembargador Delfino. Ora vire pra cá as ouças e preste atenção.

Sentei-me. Ele fez o mesmo e começou, sorrindo sempre:

—"Quando cheguei ao Brasil, trazia algumas dezenas de contos de réis, herança de meu pai, morto quando eu era menino. Estabeleci-me, achando logo um sócio que possuía capital equivalente ao meu. Ganhamos rios de dinheiro, que o meu sócio conscienciosamente gastava, esbanjava com uma espanhola reles e velhaca de um hotel da cidade.

"Um belo dia falimos,—por causa dessas extraordinárias despesas capazes de desfalcarem os repletos cofres de um Cresus. Cuida que apaixonei-me por isso, que fiquei triste, abatido, doente, desanimado, sem vontade para continuar no trabalho honrado? Qual, meu amigo! O meu espírito é refratário a tristezas,—o meu coração grande de mais para fazer-se pequenino e mirrado por tão pouca

cousa. Um ou dois contos de réis que pude ganhar em certo negocio, após o naufrágio a que fora conduzido pela doidice de meu sócio, empreguei-os em comprar algumas jóias de ouro falso, em mercadorias de contrabando, e, com um volumoso carregamento barato, segui para o rio Madeira, afim de explorar em meu único proveito a ingênua simplicidade dos seringueiros.

"Não me falharam os cálculos: meses depois voltei ao Pará, e adquiri maior carregamento, que fui de novo impingir ás remotas regiões do alto Madeira, onde os jacarés e onças respeitaram-me sempre a delicada posição de inofensivo estrangeiro, que carece de proteção, que não deve ser ofendido nunca em um país amigo!"

Calou-se. Em sua larga boca de expressão franca e descuidosa estava o eterno sorriso zombeteiro, aquele sorriso simpático, que me atraía para esse homem com toda a enorme força de um robusto afeto nascente.

Acendeu um charuto e continuou:

—"Para encurtar prolixidades: seis anos depois de nossa falência, eu regressava definitivamente ao Pará, trazendo uma sólida fortuna amoedada em bons contos de réis palpáveis, em notas do Tesouro, no fundo da mala. Tratei logo de cumprir as imposições de um dever: paguei a todos os credores da massa falida, sem exceção de um só! Uma dessas dividas da firma era uma anquinha,—uma anquinha!—que meu sócio havia comprado para a sua Vênus andaluza! Fiquei ainda com bastante dinheiro, com que estabeleci-me pela segunda vez,—dessa feita sem sócio, para não mais ser prejudicado por ninguém.

"Quis a sorte que eu me apaixonasse por uma formosa rapariga paraense,—farta carnação morenamente excitante e grandes quadris arredondados, divinos,—filha de um subdelegado de policia. Casei-me com ela alguns meses depois de a ver. Não tinha educação, era estúpida, mas possuía a convicção da beleza nas formas, a imponência da sensualidade no olhar, e eu amava-a! Que me importava o resto?"

"Dois anos vivi eu nos braços de uma felicidade ilimitada. Luíza a minha cativante mulher adorada, de dia para dia ganhava um palmo em minha infinita afeição serôdia, e cada vez mais revelava-me um esplendido segredo de sua magnífica beleza de crioula! Era um delírio, uma loucura dulcíssima e purificadora, aquele amor que eu lhe votava com toda a vibrante virilidade do meu corpo e da minha alma! A pequenina casa em que vivíamos era para mim uma Cápua desejada, onde a minha languidez encontrava tranquillo bem estar, nos braços da sedutora Luíza O dia seguinte, que para muitos é um enigma aterrador, apresentava-se-me franca e gostosamente como a fiel reprodução

inalterável da véspera e do dia presente. Horas suavíssimas de um amor intenso e bom, como fostes amadas pela pieguice da ingenuidade do meu espírito!"

Calou-se ainda, com o rosto demudado em uma espiritualização prazenteira. Mas fitou-me, e logo o tal sorriso irônico volveu a arregaçar-lhe a rubra ponta do lábio grosso e varonil.

E prosseguiu, após haver acendido o charuto que se apagara:

— eu tinha inteira confiança em Luíza Jamais a idéia de uma perfídia de sua parte me passara pelo tranquillo espírito de marido que confia. Como poderiam enganar-me aqueles olhos tão belamente claros e brilhantes, aquela boca de perfumosos lábios que davam beijos tão doces, tão sensuais, tão irritantes? Santa simplicidade das almas descuidosas! O meu espírito era o espelho onde se refletia o meu coração e onde eu supunha ver a alma de Luíza estava realmente a minha, a minha que em breve tinha de ser tão rudemente ferida pelos fatos!

"É como lhe digo. Luíza era um demônio, longe de ser um anjo, como eu a fantasiava na benevolência do meu ilimitado amor. De imaginação criadora e ardente, apaixonara-se por um gordo vaqueiro de Marajó, que viera á cidade, e um belo dia, quando, ao cair da tarde, regresssei a casa para jantar, não mais a vi: a safardana roubara-me todo o dinheiro que eu tinha em casa e fugira com o sobredito cujo mencionado vaqueiro, como vim logo a saber, por informações ministradas pela vizinhança, com grande vergonha dos meus brios de homem robusto, completo, valente e, na minha valiosa opinião, não de todo incapaz para o principal fim a que visava aquela ardente mulher material e voluptuosa.

"E que pensa o senhor que eu fiz para a castigar? Que a persegui com as leis do seu país em punho? Que fui buscá-la ao meio dos touros de Marajó, onde, por certo, ela repousava, muito lânguida e sensual, nos braços do ciclópico vaqueiro? Que expus á irrisão pública, ás chufas da plebe, a ignara patifaria de minha mulher e a irreparável desonra do meu nome? Nada disso, meu caro! Deixei-a ir, sem me incomodar! Olhe, mandei-lhe mesmo umas camisas e anáguas de que se esquecera com a precipitação da fuga! Veja até que ponto fui complacente. Veja que santa bondade a minha!

"A desgraçada morreu um ano depois, vítima de béri-béri; pois bem; para mostrar a Deus que não sou de todo mau, mandei por alma de minha mulher rezar, na igreja do Carmo, uma triste missa de réquiem, a que assisti com respeito e piedade."

Calou-se, sem uma comoção no rosto ou na voz. Falava como se tratasse do tempo ou da cor do céu naquele momento: com a máxima placidez. E logo o seu velhaco risinho sarcástico saltou-lhe da boca e veio espreitar-me de sobre o

lábio superior,—como se fosse um depoimento vivo da tranquillidade daquela alma em face de todos os extraordinários acontecimentos que por cima dela haviam passado, sem conseguirem emocioná-la.

O meu companheiro, o meu estranho conviva, ergueu-se e, acenando-me para que acompanhasse-o, seguiu em direção ao povoado, cantarolando esta pandega quadra do Dia e a Noite, de Lecocq:

*Minha mulher, que Deus levou,
Foi-me infiel constantemente;
Nada d'isso me acabrunhou:
Levei o caso alegremente!*

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014